

## RYONOSUKE AKUTAGAWA

No decorrer deste périplo, já duas vezes pudemos lançar olhos à vida e aos costumes do Japão, através das histórias de Lafcadio Hearn e de Naoya Shiga.<sup>48</sup> Na introdução ao conto deste último, demos rápido esboço da literatura nipônica, na qual a abertura dos portos, em 1853, operou mudança radical. Se antes do fim do isolamento do Japão é difícil orientarmo-nos em sua literatura dadas as divergências fundamentais que a separam das letras europeias e americanas, a começar daquele momento sentimo-nos desvairados pela multiplicidade das semelhanças. Os últimos cem anos foram os de uma avalanche de traduções, de uma fúria de imitações, de uma onda incontida de correntes e escolas, cujos protótipos iam de Tolstói<sup>49</sup> a Oscar Wilde,<sup>50</sup> de Nietzsche a Sartre, de Poe<sup>51</sup> a Maupassant.<sup>52</sup>

Extrema foi a influência da literatura europeia; alguns escritores procuraram manter as formas e os métodos tradicionais; outros puseram-se a copiar com entusiasmo originais do Ocidente; outros, ainda, praticaram um compromisso. Até agora ainda não emergiu um estilo consistente, e a atitude que prevalece é, não raro, de desespero e niilismo.<sup>53</sup>

Típico representante das novas gerações japonesas é Ryonosuke Akutagawa.

Esboçar o seu background e o seu temperamento é arriscar um clichê melancólico. Era brilhante, sensível, cínico, neurótico; viveu em Tóquio, ensinou por algum tempo na universidade, foi redator literário de um jornal. Seu suicídio prematuro, com apenas 35 anos, não faz senão realçar o retrato de um moderno intelectual japonês, vítima, ao mesmo tempo, da incompreensão da sociedade e de uma crise de cultura.<sup>54</sup>

Estreando com traduções de Yeats e de Anatole France,<sup>55</sup> ganhou fama com *Rashomon* (1917), o primeiro de seus seis volumes de contos. Considerado adepto da arte pela arte, era um tipo de scholar de extensa cultura, fino gosto e sensibilidade excessiva; para muitos, é com ele que principia a verdadeira literatura do Japão

moderno.<sup>56</sup> O prêmio que lhe perpetua o nome assemelha-se, em importância, ao Prêmio Goncourt na França.

Ryunosuke Akutagawa, mestre do estilo, gostava de tratar assuntos históricos em tom arcaizante, e mesmo ao enfrentar temas modernos timbrava em observar uma distância estética. Nele a superfície é sempre fria, clássica; prefere sugerir a insistir; procura sempre, na expressão de Howard Hibbet, o “equilíbrio precário da ilusão e da realidade”. Exemplo magnífico de sua aparente impassibilidade e de seu relativismo psicológico encontramos, além de na presente narrativa, na história de “Kesa e Morito”, constituída de dois monólogos. No primeiro, Morito analisa os seus sentimentos no instante em que sai para matar o marido da amante, sem odiar àquele nem amar a esta; no segundo, Kesa dispõe-se a morrer pela mão do amante em lugar do marido, para expiar a própria participação no plano criminoso.

Suas lendas relativas aos mártires do cristianismo no Japão, de tão fiéis à atmosfera e ao estilo da época, passaram, durante algum tempo, por lendas autênticas transmitidas pela tradição.<sup>57</sup> Entre as suas demais obras são para notar Assassínio de uma cultura (sobre a perseguição dos cristãos) e Psicologia da loucura (estudada na própria mãe, que morreu louca).<sup>58</sup>

## **NUM BOSQUE**

### **Depoimento de um lenhador interrogado por alto funcionário da polícia**

Sim, senhor. Não há dúvida, fui eu que achei o corpo. Hoje pela manhã, como de costume, ia cortar a minha cota diária de cedros, quando encontrei o corpo em um bosque, num vale das montanhas. O lugar exato? A uns 150 metros da estrada real de Iamaxima. É um bosque de bambus e cedros por onde ninguém costuma passar.

O corpo achava-se deitado de costas, com um quimono de seda azulada e uma touca pregueada à maneira de Quioto. Uma única estocada tinha varado o peito. As folhas de bambu espalhadas em redor achavam-se cobertas de flores de sangue. Não, o sangue já não corria; sem dúvida, tinha estancado. Sim, havia também um moscardo pegado à ferida e que quase não se importou com a minha chegada.

O senhor me pergunta se vi alguma espada ou coisa semelhante.

Não, senhor, não vi nada disso. Encontrei apenas uma corda ao pé de um dos cedros, bem perto. Sim, e um pente também. Evidentemente ele se defendeu antes de cair morto, pois a relva e as folhas de bambu estavam pisadas em todo o redor.

— Havia um cavalo perto?

Não, senhor. Se um homem tem dificuldade em entrar ali, quanto mais um cavalo!

### **Depoimento de um sacerdote budista viajante interrogado por alto funcionário da polícia**

A hora? Com certeza, foi mais ou menos ao meio-dia de ontem, senhor. O infeliz achava-se na estrada que vai de Sequiama a Iamaxima. Dirigia-se para Sequiama com uma senhora que o acompanhava a cavalo e que, segundo eu vim a saber, era sua esposa. Um lenço pendente da cabeça escondia-lhe o rosto. Tudo o que vi foi a cor do seu traje, um costume lilás. Montava um cavalo alazão, de crina fina. A altura da senhora? Oh, uns quatro pés e cinco polegadas. Como sou sacerdote budista, não prestei maior atenção a outros pormenores da sua pessoa. Bem, quanto ao homem, vinha armado de uma espada, assim como de um arco e flechas. Recordo-me de que ele trazia na aljava umas vinte flechas esquisitas.

De maneira alguma podia prever-lhe tal destino. Com efeito, a vida humana é fugidia como o orvalho da madrugada ou um clarão de luz. Não encontro palavras para exprimir a compaixão que ele me inspira.

### **Depoimento de um guarda interrogado por alto funcionário da polícia**

O homem que eu prendi? É um salteador conhecido, de nome Tajômaru. Quando o prendi, achava-se estendido no chão, caído do próprio cavalo e soltando gemidos, perto da ponte de Auatagutchi. A hora? Foi nas primeiras horas da noite de ontem. A título de informação, posso recordar que há dias, já, procurei prendê-lo, mas infelizmente me escapou. Vestia um quimono azul-escuro e trazia uma espada larga, sem enfeites. Como o senhor está vendo, arranjou depois, nalgum lugar, um arco e flechas. O senhor diz que esse arco e essas flechas são como os do morto? Então o assassino deve ser Tajômaru. O arco enrolado em faixas de couro, a aljava de verniz preto, as 17 flechas com penas de gavião, tudo isso me parece que estava com ele. Sim, senhor, o cavalo é, como o senhor diz, um alazão de crina fina. Pouco além da ponte de pedra encontrei o cavalo pastando ao longo da estrada, com as rédeas compridas pendendo. Deve ter sido por obra da Providência que o cavalo atirou com ele no chão.

De todos os ladrões que rondam Quioto, esse Tajômaru é o que maior mal tem feito às mulheres da cidade. No outono passado, uma senhora que voltava do Templo de Toriba à montanha de Pindora, provavelmente para visitar conhecidos, foi assassinada junto com uma menina. Suspeita-se que foi uma façanha dele. Se foi ele quem assassinou o marido, nem queiram saber o que pode ter feito à mulher. Tomo a liberdade

de chamar a atenção do senhor para este ponto também.

### **Depoimento de uma anciã interrogada por alto funcionário da polícia**

Sim, senhor, este cadáver é o homem que desposou minha filha. Ele não vem da cidade. Era um samurai da cidade de Cocufu, na província de Uacassa. Chamava-se Canázaua-no-Taquehico, e tinha 26 anos. Era de caráter afável, e tenho a certeza de que nada fez para provocar o furor de quem quer que fosse.

Minha filha? Chama-se Masago e tem 19 anos. É uma moça cheia de vivacidade, brincalhona, mas estou certa de que não conheceu nunca outro homem a não ser Taquehico. Tem um rosto pequeno, oval, antes moreno, com um sinal no canto do olho esquerdo.

Ontem Taquehico partiu para Uacassa com minha filha. Que má sorte quis que ele levasse fim tão triste? E minha filha, que fim levou? Já me resignaria à perda de meu genro, mas o destino de minha filha me aflige, me põe doente. Pelo amor de Deus, revirem cada pedra para encontrá-la. Odeio esse salteador Tajômaru, ou seja quem for. Não só o meu genro; a minha filha também... (Suas últimas palavras se afogaram em lágrimas.)

### **Confissão de Tajômaru**

Matei-o, a ele, porém não a ela. Que fim ela levou? Não sei dizer. Eh, esperem um instante. Nenhuma tortura me poderá fazer confessar o que não sei. Agora que as coisas tiveram este desfecho, não vou ocultar-lhes nada.

Foi ontem, pouco depois do meio-dia, que encontrei esse casal. Naquele momento exato uma lufada de vento levantou o lenço que pendia da cabeça dela, de modo que pude entrever-lhe as feições. No mesmo instante, elas voltaram a cobrir-se. Esta pode ter sido uma das razões: ela parecia uma Bodissatva.<sup>59</sup> Foi quando resolvi raptá-la, ainda que tivesse de matar-lhe o marido.

Por quê? Matar, para mim, não é coisa tão extraordinária como os senhores poderiam pensar. Quando uma mulher é raptada, o marido tem de ser morto de qualquer jeito. Para matar, sirvo-me da espada com que vou cingido. Sou eu o único a matar? Os senhores matam gente com o seu poder, com o seu dinheiro. Às vezes matam homens a pretexto de que o fazem para o bem deles. É verdade que esses não sangram. Estão com ótima saúde, e nem por isso vocês deixam de matá-los. É difícil dizer quem é mais culpado, se os senhores ou eu. (Sorriso irônico.)

Mas teria sido melhor raptar a mulher sem matar o marido. Resolvi, portanto, raptá-la

e fazer o possível para não matá-lo. Para isso não havia jeito, se ficassem na estrada real de Iamaxima. Eis por que procurei atraí-los até as montanhas.

A coisa foi fácil. Tornei-me companheiro de viagem do casal e contei-lhes que havia nas montanhas ali perto um velho túmulo, que eu tinha escavado, e onde encontrara vários espelhos e espadas. Disse-lhes que havia enterrado os objetos num bosque atrás de um monte, e que os venderia barato a quem os quisesse comprar. Então... vejam se a cobiça não é uma coisa terrível: ele se mostrou interessadíssimo pela minha história antes mesmo de ouvi-la toda. Em menos de meia hora já estavam tangendo o cavalo em direção à montanha, acompanhados por mim.

Ao chegarmos à altura do bosque, eu disse-lhes que era ali que o tesouro estava enterrado, e pedi que viessem ver. O homem não teve a menor dúvida: estava cego de cobiça. Quanto à mulher, disse que aguardaria na estrada, montada no cavalo. Era natural que ela assim falasse, em vista da espessura da mata. Para dizer-lhes a verdade, o meu plano surtiu exatamente o efeito desejado. Por isso segui com ele para o bosque, deixando a moça sozinha para trás.

Até certa extensão, o bosque é formado unicamente de bambus. Umas cinquenta jardas adiante há um grupo não muito espesso de cedros. Era um lugar conveniente para o meu plano. Abrindo caminho através do bosque, eu lhe impingui mais uma mentira, bastante verossímil, afirmando que o tesouro se encontrava enterrado debaixo dos cedros. Ao ouvir isto, ele tomou a dianteira e avançou penosamente na direção do cedro que se via atrás dos bambus. Mais alguns passos, e o bambual escasseava: chegamos a um lugar onde uma porção de cedros formam fila. Mal o atingimos, agarrei-o por trás. Sendo um soldado treinado e aguerrido, era ele um homem forte, mas, como fora apanhado de surpresa, não teve mais salvação. Em pouco tempo eu o tinha amarrado ao tronco de um cedro. Onde consegui a corda? Graças a Deus, sendo ladrão, trazia comigo uma corda, pois podia ter necessidade de escalar um muro a qualquer momento. Lembrei-me, é natural, de impedi-lo de gritar por socorro, amordaçando-o com folhas de bambu espalhadas no chão.

Depois de o ter liquidado, voltei para a moça e convidei-a a vir comigo, porque o marido me parecia acometido de súbito mal-estar. Desnecessário dizer que esse ardil também surtiu efeito completo. A moça tirou o chapéu de carriço e entrou na mata, conduzida pela minha mão. Ao avistar o marido amarrado, sacou de uma espadinha. Nunca vi mulher de gênio tão violento. Se não estivesse prevenido, teria levado uma estocada nailharga. Esquivei-me, enquanto ela continuava a me acutillar. Mas eu sou Tajômaru. Consegui abater a sua espadinha sem puxar da minha espada. A mulher, por mais corajosa que seja, fica sem defesa quando desarmada. Afinal pude satisfazer com ela o meu desejo, sem lhe haver matado o marido.

Sim... sem tê-lo matado. Não desejava, realmente, tirar-lhe a vida. Ia-me retirar do

bosque às pressas, deixando atrás de mim a moça banhada em pranto, quando ela se agarrou freneticamente ao meu braço. Pediu-me, em palavras truncadas, que morresse ou eu ou o marido. Disse que haver dois homens conhecedores da sua vergonha era pior que a morte. Em voz entrecortada, declarava-me que desejava ser a esposa do sobrevivente, fosse quem fosse. Foi quando concebi o desejo furioso de matá-lo.

Ouvindo-me contar-lhes o caso assim, naturalmente não de me achar um homem mais cruel do que os senhores mesmos. Mas é porque não viram o rosto dela, naquele instante, e em especial os seus olhos ardentes. Vendo-a cara a cara, quis torná-la minha mulher, nem que tivesse de ser partido por um raio. Quis torná-la minha mulher, e esse desejo me encheu o espírito. Não era apenas luxúria, como os senhores podem pensar. Se nesse momento não tivesse outro motivo afora a luxúria, decerto a haveria derrubado com um soco e teria fugido, sem haver manchado a minha espada com o sangue dele. Entretanto, no momento em que fitei o rosto dela no bosque escuro, resolvi não sair dali sem tê-lo morto.

Não queria, contudo, recorrer a meios desleais para matá-lo. Desamarrei-o e convidei-o a cruzar a espada com a minha. (A corda encontrada perto do cedro é aquela que eu deixei cair naquele momento.) Possuído de furor, ele puxou da pesada espada e, mais ligeiro que o pensamento, atirou-se a mim, sem dizer palavra. Não lhes preciso contar qual o fim da nossa luta. Ao vigésimo terceiro choque... Notem o fato, que me impressiona ainda. Até então, ninguém debaixo do Sol tinha cruzado a espada comigo vinte vezes. (Sorriso de satisfação.)

Quando ele caiu, virei-me para ela, abaixando a espada manchada de sangue. Porém, com grande surpresa minha, ela desaparecera. Perguntei a mim mesmo aonde podia ter ido, percorri o bosquezinho de cedros. Agucei o ouvido: não ouvia senão os gemidos vindos da garganta do moribundo.

Apenas começamos a luta, teria ela escapado pelo bosque à procura de socorro. Ao ocorrer-me essa ideia, compreendi que, para mim, o caso era de vida ou morte. E, tirando a espada, o arco e as flechas do morto, voltei às pressas à estrada real, onde ainda encontrei o cavalo dela pastando tranquilo. Seria um desperdício de palavras contar-lhes o que aconteceu depois. Antes de entrar na cidade, eu já me havia desfeito da espada. É esta a minha confissão. Sei que o meu destino é ter a cabeça cortada: condenem-me, portanto, à pena máxima. (Atitude provocadora.)

### **Confissão da mulher que se recolheu ao Templo de Ximizu**

Aquele homem de quimono de seda azul, depois de me haver forçado a entregar-me a ele, olhou para o meu marido amarrado e teve um riso zombeteiro. Como o meu marido devia estar horrorizado! Porém, por mais que se debatesse no seu desespero, a corda,

em vez de afrouxar, cortava-lhe ainda mais a carne. Sem querer, corri tropeçando para o lado dele. Ou melhor, ia correr, porque o homem me derrubou imediatamente com um soco. Naquele mesmo instante vi uma luz indescritível nos olhos do meu marido, algo de inexprimível... Ainda agora aqueles olhos me fazem tremer. Aquele lampejo dos olhos do meu esposo, que não podia falar, disse-me todo o seu pensamento. O brilho dos olhos dele não era nem de furor nem de aflição... era uma luz fria, um olhar de asco. Golpeada mais pelo seu olhar do que pelo soco do salteador, soltei um grito, sem querer, e perdi os sentidos.

Ao cabo de algum tempo, voltei a mim e verifiquei que o homem de quimono de seda azul tinha ido embora. Vi apenas o meu marido, ainda amarrado ao pé do cedro. Levantei-me a custo, entre as folhas de bambu, e encarei-o. A expressão dos seus olhos era a mesma de antes.

Além do desprezo frio, havia ódio neles. Vergonha, mágoa e furor... não sei como dizer o que houve no meu coração naquele momento. Pondo-me de pé, aproximei-me do meu marido e disse-lhe:

— Taquehico, como as coisas chegaram a este ponto, já não posso viver com você. Estou decidida a morrer... mas você tem de morrer também. Você viu a minha vergonha; não posso deixá-lo vivo.

Foi o que eu pude dizer. Ele continuava a fitar-me com asco e desprezo. Com o coração a estalar, procurei a espada dele. Devia ter sido roubada pelo salteador, pois não vi no bosque nem a espada, nem o arco, nem as flechas. Felizmente a minha espadazinha estava no chão, a meus pés. Vibrando-a no ar, disse-lhe mais uma vez: — “Agora, dê-me a sua vida. Vou segui-lo sem demora.”

Ao ouvir estas palavras, ele moveu os lábios a custo. Como a sua boca estivesse cheia de folhas de bambu, naturalmente não lhe pude ouvir a voz de modo algum. No entanto, pelo olhar compreendi as suas palavras. Desdenhoso, aquele olhar dizia-me apenas: — “Mate-me.” Entre consciente e inconsciente, cravei-lhe no peito a espadazinha através do quimono azul.

Devo ter perdido de novo os sentidos nesse momento. Quando consegui levantar os olhos, já ele tinha expirado, ainda amarrado pela corda. Um raio do sol poente, que penetrara através dos bambus e dos cedros, iluminou-lhe o rosto pálido. Reprimindo o soluço, fui desamarrar o seu cadáver. E... e o que me aconteceu depois, não tenho coragem de lhes dizer. Seja como for, não tive coragem para matar-me. Cravei a espadazinha na garganta, atirei-me a um agude, procurei acabar com a vida de várias maneiras. Incapaz de matar-me, ainda estou viva, vivendo na desonra. (Sorriso desolado.) Indigna que sou, devo ter sido abandonada mesmo pelo Kwannon<sup>60</sup> mais piedoso. Matei o meu marido, fui violada pelo salteador. Que posso fazer? Que posso... que posso... (Soluço cada vez mais violento.)

## **História do assassinado, segundo foi contada por um médium**

Violada minha mulher, o salteador, sentado ao lado dela, principiou a dizer-lhe palavras confortadoras. Eu, é claro, não podia falar. Tinha o corpo fortemente amarrado ao tronco de um cedro. Mas nesse meio-tempo pisquei o olho várias vezes para ela, como para dizer: — “Não acredite no ladrão.” Desejava fazê-la entender algo parecido. Porém minha esposa, sentada nas folhas de bambu, com ar abatido, olhava só para o próprio regaço. Segundo todos os indícios, ela escutava as palavras do homem. Enquanto eu sofria as torturas do ciúme, o salteador continuava a sua conversa insinuante, pulando de um assunto para outro, até que afinal se saiu com esta proposta atrevida e desavergonhada: — “Uma vez que a sua virtude está manchada, não poderá mais entender-se com seu marido: não preferiria ser minha mulher? Foi o amor que você me inspirou que me fez violentá-la.”

Enquanto assim falava o criminoso, minha esposa levantou o rosto como que em êxtase. Nunca parecera tão bela como naquele instante. Que foi que a minha linda esposa respondeu, enquanto eu sofria amarrado ao tronco da árvore? Estou perdido no espaço, mas não posso lembrar-me de sua resposta sem ter um acesso de furor e de ciúme. Na verdade, ela disse: — “Então, leve-me consigo para onde você for.”

Contudo, o crime dela não acaba aqui. Se fosse apenas isso, eu não sofreria tantos tormentos nestas trevas. Ao retirar-se do bosque, como que sonhando, com a mão na mão do salteador, de repente empalideceu, apontou-me a mim, que continuava amarrado ao tronco do cedro, e exclamou: — “Mate-o! Não posso casar com você enquanto ele for vivo. Mate-o!” Gritou-o várias vezes, como se tivesse enlouquecido. Ainda agora essas palavras por pouco não me atiram ao abismo sem fundo das trevas. Será que palavras tão odiosas já saíram de uma boca humana? Será que palavras tão malditas já chegaram a ouvidos humanos, uma só vez que seja? Uma só vez que seja... (Grito súbito de escárnio.) A estas palavras o próprio salteador empalideceu. — “Mate-o” — ela gritava, agarrada ao braço dele. Encarando-a fixo, ele não respondeu nem sim nem não... entretanto, mal tive tempo de pensar no que diria, já ele a tinha derrubado com um soco, atirando-a entre as folhas de bambu. (Outro grito de escárnio.) Cruzando tranquilamente os braços, olhou para mim e perguntou: — “Que é que você quer fazer com ela? Quer matá-la ou salvá-la? É só fazer um sinal com a cabeça. Mato-a?” Só por causa dessas palavras eu gostaria de perdoar-lhe o crime que cometeu.

Enquanto eu hesitava, ela soltou um grito e correu para o fundo do bosque. O salteador quis agarrá-la, mas não conseguiu sequer tocar-lhe a manga do quimono.

Depois que ela foi embora, ele tomou-me a espada, o arco e as flechas. De um só

golpe cortou a corda que me prendia. Lembro-me de que murmurou: — “O meu fim está próximo.” E desapareceu do bosque. Tudo, então, ficou silencioso. Isto é, ouvi alguém chorar. Desamarrando inteiramente a corda, escutei com atenção e verifiquei que era o meu próprio choro. (Longa pausa.)

Ergui o corpo exausto. Brilhava a meus pés a espadazinha que minha esposa deixara cair. Apanhei-a e cravei-a no peito. Subiu-me à boca um coágulo de sangue, mas não senti dor. Quando o meu peito esfriou, tudo estava silencioso como os mortos em seus túmulos. Que silêncio profundo! Nem um trino de pássaro se ouvia no céu acima daquele túmulo no meio das montanhas. Nos montes e nos bambus demorava-se ainda uma luz solitária. Aos poucos, foi-se extinguindo, até que perdi de vista os cedros e o bambual. Um silêncio profundo me envolvia.

Foi quando alguém se aproximou. Procurei ver quem era, mas as trevas já se tinham aglomerado em redor de mim. Alguém... esse alguém, com sua mão invisível, tirou brandamente a espadazinha do meu peito. Naquele instante senti outra golfada de sangue na boca. E para todo o sempre mergulhei nas trevas do espaço.

## LUIGI PIRANDELLO

A história do teatro conhece poucas premières tão tempestuosas como a de Seis personagens à procura de um autor, de Pirandello (1867-1937). Naquela noite de 10 de maio de 1921, o choque entre admiradores e depreciadores do escritor não se restringiu ao recinto do teatro: o tumulto continuou nas ruas de Roma, e quando Pirandello, em companhia da filha, mais de meia hora após o fim do espetáculo, tentou sair, foi agredido e insultado.

Todo esse rebuliço, no entanto, foi providencial: sem ele, parte da obra de Pirandello não teria chegado a ser escrita, nem o mundo haveria tomado conhecimento da sua mensagem; ou, quando muito, ela ficaria circunscrita à Itália. Com efeito, aquele estreante revolucionário que pôs em polvorosa a Cidade Eterna era um professor calvo, de seus cinquenta e tantos anos, já com vasta obra impressa, a qual, porém, embora apreciada por alguns críticos, não alcançara maior repercussão no público. No entanto aquelas Seis personagens apupadas e aplaudidas com igual violência dariam a volta ao mundo, e dentro em pouco o nome do autor seria conhecido por toda parte. Vai surpreender a todos com espantosa fecundidade: além de lançar dois ou três dramas por ano, publicará um romance depois de outro, sem falar numa chusma de contos. Na realidade, trata-se da reedição de escritos pouco notados quando de seu aparecimento, mas que agora se beneficiam da enorme popularidade do escritor, definitivamente consagrado pela concessão do Prêmio Nobel de Literatura em 1934.

Aquela multidão de contos chamou a atenção pelo título coletivo, Contos para um ano,<sup>80</sup> assim denominados porque para cada dia do ano haveria um. Conquanto o audacioso programa não tenha sido cumprido — saíram “apenas” 15 volumes, num total de 240 narrativas, porque, a partir da chegada do êxito, o teatro passou a reclamar todas as forças de Pirandello —, ainda assim essa produção novelística é fenômeno quase isolado em toda a literatura universal, tanto em qualidade como em quantidade.

Por terem sido os contos reeditados e “descobertos” após o êxito retumbante de Seis

personagens e das peças que a ela sucederam, é frequente supor que são posteriores a estas, quando a verdade é o oposto. Salvo pouquíssimas exceções, os dramas e comédias de Pirandello foram esboçados primeiro sob forma de conto.

Ao aparecerem os primeiros desses contos, o gênero ainda não se libertara da influência avassaladora de Maupassant.<sup>81</sup> É instrutivo comparar as narrativas de Pirandello às do mestre francês. As histórias do italiano nunca vêm precedidas do nariz de cera tão frequente (e tão pouco natural) nas de Maupassant, nem acabam pelo efeito de surpresa, característico dos contos desse e de seus discípulos, um O. Henry,<sup>82</sup> um Saki<sup>83</sup> e tantos outros. Pirandello arremessa-nos de chofre in medias res, introduzindo-nos no meio de um diálogo esquisito ou de uma cena grotesca, que em geral não compreendemos imediatamente, e cujo sentido se vai esclarecendo a pouco e pouco. O impacto nos atinge não no fim, mas no começo.

Exemplifiquemos. Na novela "Felicidade", a filha solteirona do arruinado mas orgulhoso duque de Rosábia enfrenta os preconceitos de casta do pai temível para se casar com um João-ninguém, sobre quem não tem ilusões: espera, porém, ter dele um filho, e assim preencher o vazio da existência. No fim da história, vê-se o marido desonesto, procurado pela polícia, fugir à prisão, abandonando a esposa, a qual, apesar de tudo, se sente feliz por ficar com o filho só para ela. Nenhum suspense neste desfecho; o choque, tivemos-lo no princípio, ao ouvirmos a solteirona interrogar ansiosamente a mãe sobre a possível reação do pai à notícia do casamento.

Interpretação semelhante cabe ao conto "O rapto", em que três camponeses sequestram o homem mais rico de uma aldeia para extorquir-lhe um resgate. Como, no entanto, a mulher do sequestrado não move um dedo para reaver o marido, ficam os raptos na maior perplexidade: não se atrevem a devolver a sua vítima, mas, por outro lado, os laços humanos que a convivência forçada de alguns dias cria entre esta e eles impedem-nos de eliminá-la. Que fazer? Está armado o problema desde o ponto de partida. Os camponeses mantêm incomunicável o ricaço, alimentam-no com seus poucos recursos, ouvem-lhe as reflexões e as confidências, criam-lhe afeição — mas não o soltam, e o preso acaba morrendo à míngua no seu esconderijo. O acontecimento essencial da história é todo íntimo: forçado pela solidão a debruçar-se sobre a própria vida, o sequestrado vai-se desligando de seus interesses terrenos e fina-se com pensamentos de santo.

"A patente", por sua vez, tem enredo ainda mais parco. Um indivíduo com fama de iettatore (azarento) denuncia ao juiz dois campônios que fazem figa ao cruzar com ele. O que ele espera, porém, não é a condenação, e sim a absolvição daqueles a quem acusou. Expulso do emprego por dar azar, quer que o tribunal lhe reconheça oficialmente esse poder mágico; de posse de tal patente, poderá, pelo menos, sustentar com os rendimentos do seu mau-olhado a família miserável.

As três histórias, como inúmeras outras, são contos regionais, com figuras e costumes da Sicília — a terra de Pirandello — nitidamente delineados. O orgulho e a decadência da velha nobreza, a superstição e o banditismo ainda hoje são características essenciais daquela região, que, nos Contos para um ano, surge retratada num sem-número de aspectos. Ao mesmo tempo, nota-se nas três novelas um fundo comum de pensamentos, uma espécie de dialética do absurdo: a filha do duque alegra-se com a falta de caráter e a fuga do marido; os raptos tornam-se vítimas do raptado; o iettatore querelante faz questão de perder a causa, para, com a sentença em mão, poder continuar a exploração da credulidade alheia, profissão imoral a que é levado — pelo amor paterno.

O choque entre a aparência e a realidade, a intenção e a realização, a moral social e a verdade íntima: eis o tema dessas três pequenas obras-primas, e de muitas outras, não menos perfeitas. Pertencem elas a uma literatura desprovida da rigidez da maioria das obras em que o enredo é arquitetado em torno de uma tese preconcebida. Mil pormenores saborosos, tiques e gestos, frases e entonações fielmente conservados na memória e reproduzidos com aparente impassibilidade enchem-nas de rica substância humana.

Difícil dizer o que mais importa em Contos para um ano: o conteúdo filosófico ou a cor local, o choque das ideias ou a oposição dos caracteres. A sua poderosa originalidade deve-se provavelmente ao equilíbrio entre o realismo regionalista e a problemática metafísica. Equilíbrio mais típico dos contos que do teatro de Pirandello, que progressivamente se foi deslocando do plano do realismo para o plano filosófico, pelas possibilidades dialéticas da cena, pela tentação de se explicar e analisar, pela provocação constituída pela presença de um público visível para definir o universo.

Desde as primeiras obras (como o romance *A excluída*, de 1901) encontramos esse bipolarismo, que as seguintes acentuam cada vez mais. O que nas mãos de outros escritores se reduziria a uma exploração de pitoresco e de folclore, nas de Pirandello serve para exemplificar a sua visão antinômica do mundo. Em “*A caderneta vermelha*”, leva-nos a um lugarejo pobre da sua província, onde as mulheres do povo, quando lhes morre um filho recém-nascido, correm à prefeitura para contratar a amamentação de um enjeitado. Com a módica pensão que lhes é paga compram o enxoval da filha casadoura, enquanto o enjeitadinho morre à míngua de cuidados.

Citemos apenas mais uma dessas histórias de extrema profundidade que, por trás da pintura perfeita de um ambiente fechado, abrem vastas perspectivas sobre a natureza humana: “*O guarda-roupa da eloquência*”. Ao primeiro lance de olhos, seus três protagonistas pouco têm de interessante: um espertalhão que vive das mensalidades duma sociedade inexistente, o velho cobrador desta sociedade e a sua enteada, moça primária e sensual. Descoberta a fraude, os sócios convocam uma assembleia para desmascarar o escroque; mas o velho cobrador mata-se, assumindo a autoria da trapaça,

para que o espertalhão possa “consertar” a honra da enteada a quem seduziu. Que admirar mais: a espirituosa análise da existência das sociedades-fantasma, a descrição, cintilante de humour, da assembleia, os retratos dos três protagonistas, especialmente do cobrador? Este velhinho, insignificante e ridículo, é, contudo, um herói autêntico, a quem o destino impusera um papel de humilhado. Ele o desempenha até o fim, só arrancando a máscara no momento da morte.

Todos os heróis de Pirandello, por assim dizer, usam a máscara que a sociedade lhes impõe.

A maioria dos humanos ignora a fatalidade do permanente duelo entre a forma e a vida, e a maior parte dos contos e novelas de Pirandello é consagrada a mostrá-los oscilando entre o que são e o que julgam ser, o que são e o que gostariam de ser, o que são para si mesmos e o que são aos olhos dos outros.<sup>84</sup>

A muitos de seus heróis um revés da fortuna, uma crise qualquer arranca o disfarce, precipitando-os na tragédia. Não raro a nossa personalidade de um momento é que se nos gruda como um rótulo: a sociedade recusa-se a tomar conhecimento da mudança que se operou dentro de nós, obrigando-nos a conservar a forma sem o conteúdo. Afinal de contas, o nosso eu é uma ficção que não corresponde a nenhuma unidade íntima: cada um de nós é o lugar do encontro de muitos eus, alguns dos quais fundamentalmente incompatíveis. Da mesma forma, a verdade não possui existência objetiva: a verdade de uns pode ser erro para outros, tudo dependendo apenas do ponto de vista.

Tudo isto, afirma G.A. Borgese, “seria problema filosófico se fosse apenas pensado; mas torna-se tema artístico desde que é sofrido na carne”.<sup>85</sup> Pois a leitura de uma excelente biografia de Pirandello, publicada ainda em vida dele,<sup>86</sup> mostra-nos como esses dilemas de aparência tão abstrata foram todos vividos por ele no decorrer de uma existência dilacerante e trágica. Os desentendimentos conjugais dos pais, um desastre financeiro que os arruinou, a incurável moléstia da esposa, que durante anos se foi exasperando até culminar em demência e destruir a harmonia do lar, a preocupação com a vida dos filhos mobilizados, a própria transformação do sedentário professor em chefe de companhia teatral itinerante, refletem-se nas obras desse autor, que alguns injustamente tacharam de cerebral, quando era apenas consciente.

Foi na fase mais crítica de sua vida, quando a débâcle financeira do pai o levou à ruína e desencadeou a doença de sua mulher, que Pirandello escreveu O falecido Matias Pascal (1904), romance cujo herói, chegado a semelhante impasse, se despe da sua identidade e aceita a morte civil. Enquanto se desmoronava a sua felicidade, Pirandello plasmava aquela figura pungente, escrevendo-lhe o romance nos intervalos das aulas, para poder encher o seu rodapé no jornal. “La vita si scrive e si vive.”<sup>87</sup> Foi esta a sua única possibilidade de sobreviver: fugir da realidade e identificar-se com o mundo de

fantasmas que lhe formigavam na imaginação.

Compreende-se, pois, que a própria relação autor-personagem se haja tornado um tema caracteristicamente pirandelliano. Por ser esse o tema que, em *Seis personagens à procura de um autor*, tamanho fascínio exerceu sobre todas as plateias europeias e americanas, e tão profundamente influiu em toda a evolução do teatro moderno, escolhemos “A tragédia de uma personagem”,<sup>88</sup> onde se pode palpar, por assim dizer, a gênese da ideia mestra daquela famosa peça. O segundo conto,<sup>89</sup> de tipo diferente, é desses que “apanham e fixam uma cena densa de valores líricos”.<sup>90</sup>

## **A** TRAGÉDIA DE UMA PERSONAGEM

É antigo hábito meu dar audiência, cada manhã de domingo, às personagens dos meus futuros contos.

Cinco horas, das oito às treze.

Acontece que me encontro sempre em má companhia.

Não sei por quê, a essas audiências ocorre de ordinário a gente mais descontente do mundo, ou afligida por males estranhos, ou emaranhada em casos especiosíssimos, com a qual é realmente penoso lidar.

A todos escuto com resignação; interrogo-os com boa vontade, anoto os nomes e as condições de cada um; levo-lhes em conta os sentimentos e as aspirações. Devo acrescentar, porém, que, por desgraça minha, não sou fácil de contentar. Resignação, boa vontade, muito bem; mas ser embrulhado, lá isso, não. E quero penetrar até o âmago de suas almas por meio de indagação longa e sutil.

Ora, sucede que mais de um fica desconfiado com certas perguntas minhas, embirrando e recalcitrando furiosamente, talvez por lhe parecer que eu me deleite em despi-lo da seriedade com que se me apresenta.

Esforço-me, com paciência e boa vontade, por fazer ver e palpar que a minha pergunta não seja supérflua. É fácil, em verdade, a gente querer ser isto ou aquilo, mas trata-se de saber se podemos ser como desejamos. Onde faltar esta capacidade, a tal vontade deverá afigurar-se ridícula e vã.

Porém eles não querem convencer-se disto.

Então eu, que sou, no fundo, de bom coração, entro a compadecer-me deles. Mas será possível a gente compadecer-se de certas desgraças a não ser com a condição de rir delas?

Pois bem, as personagens dos meus contos vivem espalhando pelo mundo afora que eu sou um escritor crudelíssimo, sem entranhas. Seria preciso um crítico de boa vontade para demonstrar quanta compaixão oculto sob aquele riso.

Mas onde estão hoje em dia os críticos de boa vontade?

Cumpro advertir que, nas audiências, algumas destas personagens se atiram diante das outras e impõem-se com tamanha petulância e prepotência que por vezes me vejo obrigado a livrar-me delas às pressas.

Em seguida, várias se arrependem amargamente dessa fúria e vêm-me pedir mercê, alegando terem-se emendado de tal defeito ou tal outro. Sorrio e convido-as pacatamente a expiar por enquanto sua primitiva culpa, aguardando que me sobre tempo para voltar a elas.

Entre as que ficam atrás a esperar, desbaratadas, umas suspiram, outras se contristam, outras se cansam e vão bater à porta de algum outro escritor.

Várias vezes me ocorreu encontrar nos contos de confrades determinadas personagens que primeiro se me apresentaram a mim; como também já me aconteceu avistar algumas que, não contentes com a maneira como eu as havia tratado, tentaram fazer alhures melhor figura.

Disso não me queixo, pois em geral me aparecem, por semana, duas ou três novas personagens. Uma vez ou outra a assuada é tão grande que me vejo obrigado a atender simultaneamente a mais de uma. A não ser que, em certo momento, o meu espírito, assim dividido e perturbado, se recuse a aguentar esta sobrecarga e desande a gritar que ou venham devagarinho, com calma, uma de cada vez, ou então voltem todas três ao limbo!

Lembro-me sempre de um pobre velhinho que esperava a sua vez com extraordinária tolerância. Era um certo maestro Icílio Saporini, que me chegava de longe. Expatriara-se para a América em 1849, por ocasião da queda da República Romana, por haver musicado não sei que hino patriótico, e voltava à Itália 45 anos depois, quase octogenário, para morrer. Cerimonioso, com sua vozinha de mosquito, deixava que todos lhe passassem à frente. Enfim, um dia, como eu estivesse convalescendo de longa doença, vi-o penetrar no meu quarto, muito humilde, com um risinho tímido nos lábios:

— Dá licença?... Se não o aborrece...

Como não? Querido velhinho! Escolhera o momento mais oportuno. Fi-lo morrer imediatamente, num pequeno conto intitulado "Música antiga".<sup>91</sup>

Domingo passado entrei no meu gabinete, para a audiência, um pouco mais tarde que de costume.

Um longo romance, que me fora mandado de presente e aguardava leitura havia mais de um mês, mantivera-me acordado até as três da manhã por causa de todas as considerações que me sugerira uma de suas personagens, a única viva entre muitas sobras vãs.

Apresentava o livro um pobre homem, certo dr. Fileno, que acreditava ter encontrado o remédio mais eficaz para toda espécie de males, uma receita infalível para se consolar a si mesmo e a todos os homens de toda e qualquer calamidade, pública ou particular.

Na verdade, antes que remédio ou receita, era um método, o do dr. Fileno, que consistia em ler, da manhã à noite, livros de história, e em ver na história também o presente, já feito coisa muito distante no tempo e assentada nos arquivos do passado.

Com tal método se livrara de toda a pena e fastio, encontrara — sem ser preciso morrer — a paz; uma paz austera e serena, embaciada por aquela tristeza sem pesar que os cemitérios conservariam na face da Terra, ainda que todos os homens tivessem morrido.

Nem por sonho pensava o dr. Fileno em tirar do passado ensinamentos para o presente. Sabia que isto seria tempo estupidamente perdido; pois a história é uma composição ideal de elementos reunidos segundo a natureza, as antipatias, as simpatias, as aspirações e as opiniões dos historiadores, de forma que não é possível aplicar essa composição ideal à vida que se movimenta com todos os seus elementos ainda decompostos e dispersos. Tampouco pensava em tirar do presente normas ou conclusões para o futuro; fazia precisamente o oposto: transportava-se idealmente ao futuro para dali olhar o presente, e via este como passado.

Um exemplo. Morrera-lhe, poucos dias antes, uma filhinha. Um amigo foi vê-lo para com ele condoer-se da desgraça. Pois bem, encontrou-o já tão consolado como se a filhinha lhe houvesse morrido mais de cem anos antes.

O seu infortúnio, ainda bem recente, ele simplesmente o afastara no tempo, repelira-o, e acomodara-o no passado. Mas era de ver com quanta altivez e dignidade o comentava!

Enfim, daquele seu método fizera o dr. Fileno como que uma longamira invertida. Abria-a, mas não para pôr-se a olhar na direção do futuro, onde tinha a certeza de que nada veria; persuadia a alma a contentar-se com olhar pela lente maior, através da menor, assestada sobre o presente, de jeito que todas as coisas lhe aparecessem logo pequenas e longínquas. E preparava-se, desde vários anos, para compor um livro que decerto faria época: A filosofia do longínquo.

Durante a leitura do romance parecera-me evidente que o autor, empenhado a fundo em atar artificialmente uma das tramas mais corriqueiras, não soubera assumir inteira consciência desta personagem, a qual, contendo em si, ela sozinha, o germe de uma verdadeira e própria criação, conseguira até certo ponto soltar-se-lhe das mãos e destacar-se num longo trecho, com vigoroso relevo, sobre aqueles casos tão vulgares, contados e representados no romance; depois, improvisadamente, deformado e enfraquecido, deixara-se dobrar e adaptar-se às exigências de uma solução falsa e insípida. Ficara muito tempo, no silêncio da noite, com a imagem dessa personagem

diante dos olhos, a cismar. Que pena! Havia nela tanta matéria para uma obra-prima! Se o próprio autor não a tivesse tão indignamente desconhecido e descurado, se dela tivesse feito o centro da narração, talvez todos os elementos artificiosos de que se valera se houvessem transformado, tornando-se logo vivos, eles também. E uma grande piedade e um grande desgosto apoderaram-se de mim ao ver aquela vida tão miseravelmente frustrada.

Ora, esta manhã, ao entrar, atrasado, no meu escritório, notei ali um rebuliço insólito: o dr. Fileno introduzira-se entre as minhas personagens expectantes, e elas, aborrecidas e despeitadas, saltaram-lhe em cima, procurando enxotá-lo, repeli-lo.

— Alto lá! — gritei. — Que modos são esses, senhores? Dr. Fileno, já gastei bastante tempo com o senhor. Que deseja de mim? O senhor não me pertence. Deixe-me, pois, atender em paz as minhas próprias personagens, e vá-se embora!

No rosto do dr. Fileno estampou-se uma angústia tão intensa e desesperada que logo todos os demais (as minhas personagens que ainda o estavam contendo) empalideceram e se retiraram mortificados.

— Não me enxote, pelo amor de Deus, não me enxote! Conceda-me uma audiência de cinco minutos apenas, com permissão destes senhores, e deixe-me persuadi-lo, pelo amor de Deus!

Perplexo e tomado de compaixão, perguntei-lhe:

— Persuadir-me de quê, meu caro doutor? Estou mais que persuadido de que o senhor merecia cair entre melhores mãos. Mas que quer que eu faça? Já estou muito compadecido da sua sorte; isto é bastante.

— É bastante? Não, senhor! — explicou o dr. Fileno com um frêmito de indignação que lhe abalava todo o ser. — O senhor fala assim porque eu não sou coisa sua. Ora, o seu descuido e até o seu desprezo seriam muito menos cruéis para mim do que essa comiseração passiva, indigna dum artista. Desculpe a minha veemência, mas ninguém sabe melhor do que o senhor que somos seres vivos, bem mais vivos do que aqueles que respiram e que se vestem, menos reais talvez, porém decerto mais vivos. Nasce-se para a vida de tantas maneiras, meu caro senhor! Bem sabe, aliás, que a natureza se utiliza dos instrumentos da imaginação humana para prosseguir na sua obra de criação. Quem nasce graças a essa atividade criadora, com sede no espírito humano, é destinado pela natureza a uma vida muito superior à de um ser nascido do ventre mortal de uma mulher. Quem nasce personagem, quem tem a sorte de nascer personagem viva, pode zombar até da própria morte, pois nunca há de morrer. Morrerá o homem, o escritor, esse instrumento natural da criação; não, porém, a criatura. Para viver eternamente, esta não deve possuir dotes extraordinários, nem precisa realizar prodígios. Diga-me quem

era Sancho Pança!<sup>92</sup> Diga-me quem era dom Abôndio!<sup>93</sup> Entretanto eles vivem eternos, porque, germes vivos, tiveram a sorte de encontrar uma fecunda matriz, uma imaginação que os soubesse criar e alimentar.

— De acordo, meu caro doutor, tudo isso está certo — respondi-lhe. — Mas não vejo o que o senhor pode pretender de mim.

— Não vê? — replicou o dr. Fileno. — Será que errei o caminho? Que estarei no mundo da lua? Mas então, desculpe, que espécie de escritor é o senhor? Será possível que realmente não compreenda o horror da minha tragédia? Ter a gente o inestimável privilégio de haver nascido personagem, hoje em dia, quando a vida material anda tão cheia de nauseantes dificuldades que impedem, deformam e deturpam toda a existência, ter o privilégio de haver nascido personagem, destinado portanto à imortalidade — sim, senhor, à imortalidade, apesar de toda a minha pequenez — e cair naquelas mãos, perecer ignobilmente, sufocar naquele mundo artificial onde não posso sequer respirar ou dar um passo, porque tudo é fingido, falso, combinado, sofisticado! Palavras e papel, papel e palavras! Um homem, quando se encontra em condições de vida a que não pode ou não sabe adaptar-se, pode a isso escapar, fugir. Mas a coitada da personagem, essa, não! Ela fica ali como pregada, obrigada a um martírio sem fim. Ar! Ar! Vida! Olhe só este meu nome: Fileno... pôs-me o nome de Fileno!... Parece-lhe que eu posso seriamente chamar-me assim? Cretino que ele é, nem o nome soube dar-me! Fileno, eu! Mais ainda! O autor de A filosofia do longínquo, justamente eu, devia ter um fim tão indigno só para desfazer aquela estúpida embrulhada de intrigas! Cabe-me a mim, precisamente a mim, desposar aquela idiota da Graziela, em vez de deixá-la ao tabelião Negroni! Ora, bolas. Tudo isso são delitos que o autor deveria pagar com lágrimas de sangue. Que acontecerá, entretanto? Nada. O silêncio. Talvez o crítico de um que outro jornaleco lhe meta o pau e exclame: — “Coitado desse dr. Fileno! Este, sim, que era uma personagem boa!” E tudo acabará nisso. Estou condenado à morte, eu, o autor de A filosofia do longínquo, tanto mais irremediavelmente quanto aquele idiota nem achou meio de me publicar, nem sequer à minha custa... Claro, senão como é que eu poderia casar em segundas núpcias com a idiota da Graziela? Nem me faça pensar nisso. Vamos, meu caro senhor, ponha mãos à obra! Redima-me, e neste mesmo instante! Faça-me viver, já que compreendeu bem toda a vitalidade que há em mim!

Fiquei um instante a olhar o rosto do dr. Fileno depois de ele haver emitido furiosamente essa proposta, remate de suas longas efusões.

— Tem escrúpulos? — perguntou-me transtornado. — Será possível? Mas se é a coisa mais legítima que há! É seu direito santo e sagrado lançar mão de mim e dar-me a vida que aquele imbecil não me soube dar. É seu direito, e meu, ouviu?

— Será seu direito, meu caro — respondi —, tão legítimo como o senhor pensa. Porém, coisas assim eu não faço. É inútil insistir. Não as faço, acabou-se. Recorra a

outros.

— A quem? Já que o senhor mesmo...

— Sei lá! De qualquer maneira, experimente! Talvez não lhe seja difícil encontrar alguém perfeitamente convencido da legitimidade desse direito... mas agora é que me lembro: o senhor é ou não é o autor de A filosofia do longínquo?

— Claro que sou! — explodiu outra vez o dr. Fileno, dando um passo atrás e levando as mãos ao peito. — O senhor ousaria pô-lo em dúvida? É claro... Compreendo, é sempre a culpa daquele meu assassino. Contentou-se em frisar de leve as minhas ideias, não dando delas senão um pequeno resumo, sem entrever todo o partido que se poderia tirar da minha descoberta, a longamira invertida.

Estendi as mãos para deter o meu interlocutor e disse-lhe sorrindo:

— Está certo... mas o senhor mesmo?

— Eu mesmo? Não entendo.

— Estava-se queixando de seu autor... mas se o senhor mesmo não sabe tirar todo o partido da sua própria teoria! Pois é exatamente isto que eu lhe queria perguntar: se em verdade leva a sua filosofia tão a sério, como eu o faço, por que não a aplica um pouco ao seu próprio caso? Por que procura, agora, entre nós, um escritor que o entregue à imortalidade? Veja um pouco o que os mais autorizados críticos afirmam a nosso respeito. Somos e não somos, meu caro doutor. Se não, queira submeter, comigo, à sua famosa longamira invertida, ainda que por um só instante, os fatos mais notáveis, as questões mais focalizadas, as obras mais admiradas de nossos dias. Receio que de tudo isso, através da longamira, o senhor não veja mais nada, nem ninguém. Vá, pois, console-se, ou antes, resigne-se, e deixe-me atender às minhas humildes personagens. Podem ser ruins, podem ser rabugentas — mas, pelo menos, não têm a sua extravagante ambição.

## **No HOTEL MORREU UM FULANO**

Cento e cinquenta quartos, em três andares, no ponto mais populoso da cidade. Três filas de janelas iguaizinhas, com balaustradas nas sacadas, as vidraças e as persianas cor de cinza, fechadas, abertas, semiabertas, encostadas.

A fachada é feia e pouco atraente. Mas se não houvesse fachada, quem sabe a impressão curiosa que dariam aquelas 150 caixinhas, umas sobre as outras em filas de cinquenta, e as pessoas que nelas se movimentam, ao serem vistas por fora?

Contudo, o hotel é decente e muito cômodo: elevador, grande número de garçons ágeis e disciplinados, boas camas, bom passadio, condução própria. Às vezes, um cliente, ou mais de um, se queixa da diária elevada; mas todos terminam reconhecendo que, se

a gente gasta menos em outros hotéis, se sente pior e não tem a vantagem, tão desejada, de morar no centro da cidade. Pode, pois, o proprietário não se preocupar com as queixas relativas aos preços e mandar os insatisfeitos procurarem outro pouso. O hotel está sempre cheio de clientes, e à chegada do vapor pela manhã e à dos trens o dia todo, muitas pessoas vão, é certo, procurar outro pouso, mas não porque assim queiram, e sim por não encontrarem vaga neste.

São na maioria caixeiros-viajantes, homens de negócios, provincianos que vêm resolver algum caso na cidade, tratar de um processo ou consultar um médico; numa palavra, hóspedes de passagem, que não ficam mais de três ou quatro dias; muitos chegam à noite e partem na manhã seguinte.

Muitas maletas; poucas malas.

Há, portanto, um grande movimento, um contínuo vaivém, das quatro da manhã até a meia-noite, o que faz o maître perder a cabeça. Num momento, tudo está cheio; um momento depois, três, quatro, cinco quartos vagam: parte o número 15 do primeiro andar, o número 32 do segundo; o 2, o 20, o 45 do terceiro; enquanto isso, dois novos fregueses acabam de ser mandados embora. Quem chega tarde é capaz de encontrar desocupado o melhor quarto do primeiro andar, ao passo que outro, que chegou um instante antes, teve de se contentar com o número 51, do terceiro. (Há cinquenta quartos em cada andar; porém cada andar tem um número 51, porque em cada um falta o 17; do 16 pula-se para o 18; e quem se aloja no 18 tem certeza de evitar qualquer desgraça.)

Há também os fregueses antigos, que chamam os garçons pelo nome, com a satisfação de não serem para eles, como todos os demais, o simples número do quarto que ocupam: pessoas sem casa própria, gente que viaja o ano inteiro, com a maleta sempre na mão, e se sente bem por toda parte, prestes a enfrentar qualquer eventualidade, sempre segura de si.

Em quase todos os demais se observa uma impaciência frenética, uma expressão perturbada ou uma consternação carrancuda. Não estão ausentes apenas de seu país, de sua casa; estão ausentes também de si mesmos. Fora dos próprios hábitos, longe dos aspectos e dos objetos costumeiros, nos quais diariamente veem e apalpam a realidade corriqueira e mesquinha da própria existência, agora já não se encontram; quase já não se conhecem, porque tudo neles está como que parado, e suspenso num vácuo que não sabem como preencher, no qual cada um teme que, de um instante para outro, se lhe possam apresentar aspectos de coisas desconhecidas ou surgir-lhe pensamentos, desejos novos, por motivos insignificantes; curiosidades estranhas que lhe façam ver ou tocar uma realidade diversa, misteriosa, não apenas em redor, mas também dentro dele.

Despertados cedo demais, pelos rumores do hotel e da rua em frente, põem-se a resolver os seus negócios com grande azáfama. Encontram todas as portas ainda

fechadas: o advogado só chegará ao escritório dentro de uma hora; o médico principia as consultas às nove e meia. Depois, liquidados os afazeres, tontos, aborrecidos, cansados, voltam a encerrar-se no quarto com o pesadelo das duas ou três horas que sobram, até a partida do trem; passeiam, fungam, contemplam a cama, que não os convida a se deitarem; as poltronas, o sofá, que não os convida a se sentarem; a janela, que não os convida a olhar para a rua. Como é estranha aquela cama! Que forma curiosa tem aquele sofá! E aquele espelho, que horror! De repente, lembram-se de uma incumbência esquecida: o aparelho de barbear, as ligas para a mulher, a coleira para o cachorro; tocam a campainha para pedir ao garçom endereços e informações.

— Uma coleira, com a tabuleta assim e assado, para gravar o nome.

— Do cachorro?

— Não, o meu, e o endereço da casa.

Os garçons ouvem cada coisa! A vida toda passa por eles, a vida sem sossego, movida por tantas vicissitudes, impelida por tantas necessidades... Ainda agora, por exemplo, há, no número 12 do segundo andar, uma pobre senhora de idade, vestida de luto, que a todos pergunta se a bordo a gente passa mal ou bem. Deve partir para a América, e nunca viajou. Chegou ontem à noite, caindo de fadiga, sustentada de um lado por um filho, do outro por uma filha — eles também vestidos de luto.

Especialmente na segunda-feira, às seis da tarde, o proprietário quer que no bureau se saiba com exatidão o número de quartos disponíveis. Chega o vapor de Gênova, com pessoas que da América voltam à pátria, e ao mesmo tempo, do interior, o trem direto repleto de viajantes.

Ontem, às seis da tarde, apresentaram-se ao bureau nada menos de 15 forasteiros, dos quais somente quatro puderam ser acolhidos: a pobre senhora vestida de luto, com o filho e a filha, no número 12 do segundo andar, e, ao lado, no 13, um cavalheiro desembarcado do vapor de Gênova.

No registro do bureau o mordomo fez as seguintes anotações:

Sr. Persico, Giovanni, com a mãe e a irmã, procedentes de Vittoria.

Sr. Funardi, Rosario, empreiteiro, procedente de Nova Iorque.

A senhora de luto teve que separar-se, aflita, de outra familiazinha, também composta de três pessoas, com as quais tinha viajado no trem, e que lhe deram o endereço do hotel. Magoara-se ainda mais ao saber que elas poderiam ter se alojado no quarto ao lado, se o número 13, um minuto antes, exatamente um minuto antes, não tivesse sido alugado ao tal sr. Funardi, empreiteiro, procedente de Nova Iorque.

Vendo a velha mãe chorar agarrada ao pescoço da senhora com quem viajara, o filho tentou interceder junto ao sr. Funardi para que cedesse o aposento àquela outra família.

Pedi-lhe em inglês, porque ele também, o rapazinho, é um americano. Voltara dos Estados Unidos com a irmã havia apenas quarenta dias, por motivo de uma desgraça, a morte de um irmão que sustentava na Sicília a mãe idosa. Agora esta chora; chorou e sofreu tanto, durante toda a viagem de trem, a primeira que fez em 66 anos de vida; arrancou-se com aflição da casa onde nascera e envelhecera, do túmulo recente do filho, com quem vivera sozinha por tantos anos, dos objetos mais caros, das recordações da terra natal; e, vendo-se na iminência de separar-se também da Sicília, agarra-se a tudo, a todos: por exemplo, a essa senhora com quem viajou. Portanto, se o sr. Funardi quisesse...

Não. O sr. Funardi não queria. Respondeu que não, com a cabeça, sem uma palavra, depois de ouvir o pedido em inglês do rapaz: um não bem americano, com as sobrancelhas franzidas na cara túmida, amarelada, hirta de barba incipiente; e foi, de elevador, recolher-se ao número 13 do segundo andar.

Por mais que o filho e a filha instassem, não houve jeito de induzir a velha mãe a servir-se, ela também, do elevador. Toda espécie de mecanismo lhe incute espanto, aterroriza-a. E pensar que agora deve ir à América, a Nova Iorque! Atravessar tamanho mar, o oceano... Os filhos exortam-na a ficar sossegada, porque a bordo não se passa mal; ela, porém, não se fia; passou tão mal no trem! E a todos pergunta, de cinco em cinco minutos, se é verdade que a gente não passa mal a bordo.

Os garçons, as arrumadeiras, os carregadores, para se verem livres dela, combinaram aconselhá-la a dirigir-se ao cavalheiro do quarto ao lado, mal desembarcado do vapor de Gênova, de volta da América. Um homem que passou tantos dias a bordo, que atravessou o oceano, este, sim, poderá dizer-lhe melhor do que outro qualquer se a bordo a gente passa mal ou bem.

Ora, desde manhãzinha — porque os filhos saíram para retirar a bagagem da estação e fazer algumas compras —, desde manhãzinha, a velha senhora entreabre a porta baixinho, de cinco em cinco minutos, e passa timidamente a cabeça para olhar a porta do quarto ao lado, para perguntar ao homem que atravessou o oceano se a bordo a gente passa mal ou bem.

À primeira luz pálida, derramada pela janela grande do fundo do corredor sórdido, viu duas longas filas de sapatos, de um lado e de outro, um par diante de cada porta. Viu crescer cada vez mais o número de vagas nas duas filas; surpreendeu mais de um braço a estender-se de uma porta e retirar o par de sapatos que lá estava. Agora já todos os pares foram retirados. Só aquele da porta ao lado, precisamente o do homem que atravessou o oceano e a quem ela tem tamanha vontade de perguntar se a gente passa mal a bordo ou não, ei-lo ainda ali.

Nove horas. 9h15; nove e meia; dez: aqueles sapatos continuam no mesmo lugar. Sozinhos, o único par deixado em todo o corredor, atrás daquela porta, ao lado, a única

ainda fechada.

Houve tanto barulho naquele corredor, passou tanta gente, garçons, arrumadeiras, carregadores; todos ou quase todos os forasteiros saíram dos seus quartos; muitos voltaram; todas as campainhas tiniram, continuam a tinir de vez em quando, e o zumbido surdo do elevador não para um instante, subindo e descendo, de um andar para outro, deste para o térreo; e aquele senhor não acorda. São quase 11 horas: aquele par de sapatos continua ali, em frente da porta. Ali.

A velha senhora já não se contém. Ao ver passar um garçom, chama-o, e indica-lhe aqueles sapatos:

— Será que ainda está dormindo?

— Ora — responde o garçom, encolhendo os ombros —, deve estar cansado...

Também, depois duma viagem daquelas.

E vai-se embora.

A velha senhora faz um gesto como para dizer: — “Hem!” — e retira-se da porta. Pouco depois volta a abri-la e a contemplar com estranho temor aqueles sapatos.

Deve ter viajado muito, com efeito, aquele homem; devem ter andado um bocado aqueles sapatos: dois pobres sapatões enormes, deformados, de tacão torto, com os elásticos dos dois lados esbeçados, estourados: quem sabe quanta fadiga, quanto esforço, quanto cansaço, por quantos caminhos...

A velha senhora sente-se quase tentada a bater com os nós dos dedos naquela porta. Volta a recolher-se ao seu quarto. Os filhos tardam a regressar. A sua impaciência cresce cada vez mais. Talvez fossem mesmo ver, como lhe haviam prometido, se o mar estava tranquilo.

Pois é; mas como se pode ver de terra se o mar está tranquilo? O mar longínquo, o mar que não acaba mais, o oceano... Vão-lhe dizer que está tranquilo. Como acreditar? Só ele, o cavalheiro do quarto ao lado, poderia dizer a verdade. Apura o ouvido; encosta-o à parede para ver se alcança perceber algum barulho vindo dali. Nada. Silêncio. Mas já é quase meio-dia: será possível que o homem ainda esteja dormindo?

Eis o toque da campainha chamando para o almoço. De todas as portas do corredor saem pessoas que descem ao refeitório. Ela torna à porta para observar se aqueles dois sapatos ainda expostos ali impressionam alguém. Absolutamente, não: todos passam sem reparar. Vem um garçom chamá-la: os filhos, chegados agora mesmo, esperam-na embaixo, no refeitório. E a velha senhora desce com o garçom.

Agora já não se vê ninguém no corredor; todos os quartos se acham vazios; e o par de sapatos fica ali em expectativa, no meio da solidão e do silêncio, ante aquela porta sempre fechada.

Parecem estar de castigo.

Feitos para andar, e deixados ali sem serventia, tão gastos depois de terem servido

tanto, parecem envergonhados, como que pedindo que os levem piedosamente dali ou os retirem afinal.

Voltando do almoço, depois de mais ou menos uma hora, todos os forasteiros, em virtude da indicação cheia de espanto e medo da velha senhora, param, finalmente, a observá-los com curiosidade. Lembram-se do americano, chegado na véspera. Quem o viu? Desembarcou do vapor de Gênova. Talvez não tivesse dormido bem durante a noite... Talvez tivesse passado mal a bordo... Vem da América. Se enjoou, quem sabe quantas noites terá passado sem dormir? Quererá refazer-se, dormindo um inteiro. Mas como? No meio de um ruído daqueles... Já é uma hora...

E cresce a curiosidade em torno daquele par de calçados diante da porta fechada. Mas todos, instintivamente, se mantêm um pouco afastados, em semicírculos. Um garçom corre a chamar o maître; este manda chamar o proprietário; e os dois, primeiro um, depois o outro, batem à porta. Ninguém responde. Tentam abri-la. Está fechada por dentro. Tornam a bater, com mais força. Silêncio ainda. Já não há dúvida. É preciso avisar quanto antes a polícia: felizmente há uma delegacia a dois passos dali. Vem um delegado com dois guardas e um ferreiro; arromba-se a porta; os guardas proíbem a entrada aos curiosos do hotel.

O homem que atravessou o oceano está morto, numa cama de hotel, na primeira noite que pôs os pés em terra. Morreu dormindo, com uma das mãos debaixo do rosto, que nem uma criança! Talvez de síncope.

Tantos vivos, todos os que a vida sem sossego reúne aqui por um dia, trazidos pelas vicissitudes mais opostas, empurrados pelas necessidades mais diversas, se aglomeram diante de uma celazinha de colmeia em que uma vida parou de improviso! A notícia espalhou-se por todo o hotel. Acodem os de cima, os de baixo; querem ver, querem saber, quem morreu e como...

— Não se entra!

Estão lá dentro o pretor e um médico-legista. Através da fenda da porta, daqui do canto — vejam! —, entrevê-se o cadáver sobre o leito — vejam o rosto... xi! Como está branco! Com uma das mãos debaixo do rosto, parece dormir... feito uma criança... Quem é? Como se chama? Não se sabe nada. Sabe-se apenas que voltou da América, de Nova Iorque. Com que destino? Esperado por quem? Não se sabe nada. Nenhuma indicação nas cartas encontradas nos seus bolsos e na mala. Empreiteiro — mas de quê? Na carteira, apenas 65 liras, e uns cobs numa bolsa de níqueis do bolso do colete. Um dos guardas vem colocar na coberta de mármore da cômoda aqueles pobres sapatos de tacão torto que não andarão mais.

Aos poucos, para se livrarem do tropel, começam todos a dispersar-se, retornam aos seus aposentos, em cima, no terceiro andar, e embaixo, no primeiro; outros vão tratar de seus negócios, desempenhar as suas incumbências.

Só a velha senhora que desejava saber se a bordo a gente passava mal permanece ali em frente à porta, apesar da insistência com que os filhos a querem afastar; permanece ali, aterrada, a chorar por aquele homem que morreu depois de haver atravessado o oceano, que ela também deverá atravessar daqui a pouco.

Embaixo, entre as pragas e imprecções dos cocheiros e dos carregadores que entram e saem incessantemente sem descontinuar, fecharam o portão do hotel em sinal de luto, deixando aberta apenas a portinhola.

— Fechado? Por quê?

— Eh! Nada. No hotel morreu um fulano.

Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde (1856-1900), conhecido como Oscar Wilde, filho de renomado médico de Dublin e de uma líder do movimento emancipacionista irlandês, fez-se notar desde cedo pela inteligência. Estudante da universidade de Oxford, teve entre seus professores Mahaffy, Ruskin e Walter Pater, que lhe inspiraram a paixão da antiguidade grega, da beleza, da arte como fim em si mesma. Quando, em 1881, publicou um volume de Poemas, já era famoso por seu exagerado esteticismo, suas extravagâncias em matéria de vestuário, e pelos paradoxos, com que se comprazia em escandalizar os partidários da estética e da moral tradicionais. Figura das mais em evidência da sociedade londrina, chegou a ser caricaturado em várias comédias da época.

Graças a tal celebridade, convidaram-no em 1882 a ir aos Estados Unidos, que percorreu fazendo conferências. Passou depois numa temporada na França, onde conheceu Verlaine, Victor Hugo, Zola. Casando, em 1884, com Constance Lloyd, entrou a levar intensa vida social em Londres e em Paris; dentro em breve o casal teve filhos, mas depressa Wilde se cansou do matrimônio e readquiriu os seus hábitos boêmios. Nesse ínterim publicou grande número de livros: ensaios, como O crítico artista; novelas, como O fantasma de Canterville; a coletânea de contos A casa das romãzeiras; O retrato de Dorian Gray, romance fantástico de uma existência dupla; e A alma do homem no regime socialista, verdadeiro credo do individualismo.

Conforme o testemunho dos seus íntimos, era Wilde uma das pessoas mais encantadoras e irresistíveis, o maior causeur que o Reino Unido já ouviu. Não tendo conhecido um único dia infeliz até a idade de quarenta anos, comunicava a alegria a quantos o rodeavam. Disputadíssimo pela melhor sociedade, exibia um esnobismo requintado, proclamando, entre outras boutades, que as boas maneiras valiam mais do que a moral, que a natureza devia imitar a arte, e que só havia um crime, o tédio. Seu espírito lançava fogos de artifício contínuos; sua extraordinária habilidade verbal conferia brilho e profundidade a pensamentos comuns, ideias já muitas vezes expressas por outros. Embora no seu hedonismo houvesse um incessante desafio à sociedade, permanecia bom filho, bom irmão e bom amigo. Atacado por confrades invejosos, não

lhes respondia; continua-va divertindo a alta sociedade com lindas parábolas, superiores, dizem, alguns dos que as ouviram, às suas melhores obras escritas.<sup>186</sup> A André Gide, que lhe lembrou certa vez que estava dissipando os tesouros do seu espírito, respondeu: “Quer saber o grande drama da minha vida? Pus o meu gênio na minha vida; nas minhas obras, pus apenas o meu talento.”<sup>187</sup>

Por sugestão de amigos, escreveu comédias das mais espirituosas e aplaudidas da cena inglesa: O leque de Lady Windermere, Um marido ideal, A importância de ser prudente; e compôs em francês, idioma de que tinha absoluto domínio, Salomé, peça proibida pela censura britânica.

Estava Wilde no apogeu da glória, quando, em 1895, foi envolvido em grave escândalo. Havia algum tempo corriam boatos acerca de suas tendências homossexuais. Certo dia, o marquês de Queensbury insultou-o publicamente, dando-o como sedutor do filho, Lord Alfred Douglas. Wilde processou-o, porém o marquês foi absolvido e, por sua vez, transformou-se em acusador. Condenado a dois anos de reclusão, o escritor viu-se arruinado de um dia para outro. Enquanto cumpria a pena, foi vituperado pelos jornais, abandonado pelos amigos, teve as rendas confiscadas, as peças proscritas dos teatros; o tribunal cassou-lhe o direito de educar os filhos, a mulher separou-se dele, a mãe morreu. Dois anos depois saiu do cárcere um homem acabado, trazendo consigo o imortal manuscrito da Balada do cárcere de Reading, a última de suas obras. Ferido no íntimo da alma, nada mais pôde produzir; passou o fim da vida na França, em grande aflição e quase miséria.

Ainda conhecendo a hipocrisia da sociedade inglesa da época, é difícil compreender a tempestade de ódio que desabou sobre Oscar Wilde, e cuja violência está na razão direta da idolatria com que dantes a mesma sociedade o cercava. Até hoje é vítima de um ostracismo póstumo: em *The Concise Cambridge History of English Literature*, sua obra é tratada com excessivo rigor, e os contos não mereceram uma linha; entre as mil poesias de *The Oxford Book of English Verse*, nem um verso dele foi acolhido.

A crítica estrangeira é mais objetiva e reconhece em Wilde um mestre admirável do estilo, um grande poeta em verso e em prosa. Apesar de certo artificialismo e da influência, muito manifesta, de Andersen, seus contos, sobretudo os de *A casa das romãzeiras*, têm autêntica beleza e forte carga de emoção. Ninguém esquece a história do jovem rei que despe o seu manto de ouro ao saber do alto preço que seu luxo custa aos miseráveis; a do rouxinol que pinta com o sangue do próprio coração uma rosa vermelha para um casal de namorados; a do gigante egoísta cujas árvores ressequidas voltam a florescer quando franqueia o seu jardim às crianças; a do Notável Foguete, em que Wilde satiriza o artista egocêntrico, e implicitamente a si mesmo. Deste grupo é o conto do Príncipe Feliz, enquanto a história da esfinge sem segredo lembra o tom característico das comédias do autor. Damos, ainda, um dos seus poemas em prosa,

variante escrita de uma das parábolas que, contadas por ele, maravilhavam os ouvintes.<sup>188</sup>

## **A** ESFINGE SEM SEGREDO

Uma tarde, sentado à porta do Café de la Paix, eu observava o esplendor e a miséria da vida parisiense, contemplando, por cima do meu vermute, o estranho panorama de orgulho e pobreza que se me desenrolava ante os olhos, quando ouvi alguém pronunciar o meu nome. Voltei-me, e vi Lord Murchison. Não nos encontrávamos desde quando estudáramos no mesmo colégio, uns dez anos antes; estava, pois, encantado de o rever, e trocamos um caloroso aperto de mão. Tínhamos sido, em Oxford, grandes amigos. Gostava imensamente dele: era tão elegante, tão bem-humorado e tão honesto! Costumávamos dizer que ele seria o melhor dos companheiros se não falasse sempre a verdade, mas o certo, creio eu, é que o admirávamos ainda mais pela sua franqueza. Achei-o bastante mudado. Havia no seu olhar inquietação e embaraço, e parecia estar em dúvida sobre alguma coisa. Senti que isso não seria nenhum ceticismo da moda, pois era Murchison o mais vazante dos tóris,<sup>189</sup> e acreditava no Pentateuco tão firmemente quanto na Câmara dos Pares; concluí, portanto, que naquilo andava rabo de saia, e perguntei-lhe se já se casara.

— Não compreendo bem as mulheres — respondeu ele.

— Meu caro Geraldo — disse-lhe eu —, as mulheres foram feitas para serem amadas, e não para serem compreendidas.

Ao que ele contraveio:

— Eu não posso amar se não posso confiar.

— Penso que você tem um mistério na sua vida, Geraldo; fale-me sobre isto.

— Vamos dar uma volta — propôs. — Há muita gente aqui. Não, um carro amarelo, não; de outra cor — ali, aquele verde-escuro está bom.

E momentos depois trotávamos bulevar abaixo na direção da Madalena.

— Aonde iremos? — perguntei.

— Oh, aonde você quiser! Ao restaurante do Bois;<sup>190</sup> jantaremos lá, e você me contará tudo o que tem feito.

— Preciso ouvi-lo primeiro — disse eu. — Conte-me o seu mistério.

Tirou da algibeira um pequeno estojo de marroquim com fecho de prata e o passou às minhas mãos. Abri-o. Dentro dele estava a fotografia de uma mulher. Era alta e esbelta, e estranhamente pinturesca, com os seus olhos grandes e vagos e os seus cabelos soltos. Olhava como uma clarividente, e achava-se envolvida em ricas peles.

— Que tal lhe parece esse rosto? É sincero?

Examinei-o cuidadosamente. Afigurava-se-me o rosto de alguém que tinha um

segredo, mas se este segredo era bom ou mau eu não o saberia dizer. Sua beleza era uma beleza moldada em muitos mistérios — a beleza, de fato, que é psicológica, não plástica —, e o frouxo sorriso que lhe brincava nos lábios era em extremo sutil para ser realmente doce.

— Bem — gritou ele impaciente —, que diz você?

— É a Gioconda em peles de marta — respondi. — Por favor, conte-me o que sabe a respeito dela.

— Agora, não; depois do jantar.

E pôs-se a falar de outras coisas.

Quando o garçom nos trouxe o café e os cigarros, lembrei a Geraldo o cumprimento da promessa. Ele se levantou, caminhou duas ou três vezes ao longo da sala e, afundando-se numa poltrona, narrou-me a seguinte história:

— Uma tarde, aí pelas cinco horas, eu subia a Bond Street. Havia uma tremenda confusão de veículos e o tráfego estava quase parado. Ao pé da calçada via-se um pequeno carro amarelo, que, por este ou aquele motivo, me chamou a atenção. Quando eu passava por ele, olhou para fora o rosto que lhe mostrei esta tarde. Imediatamente me fascinou. Levei toda a noite pensando nele, e todo o dia seguinte. Percorri abaixo e acima o diabo daquela rua, espreitando cada carro, na esperança de ver o carro amarelo; mas não pude encontrar ma belle inconnue,<sup>191</sup> e, por fim, comecei a pensar que ela não passava de um sonho. Cerca de uma semana depois eu jantava com Madame de Rastail. O jantar estava marcado para as oito horas; porém às oito e meia ainda nos achávamos esperando na sala de visitas. Afinal o criado abriu a porta e anunciou Lady Alroy. Era a mulher de quem eu andara no encalço. Entrou bem devagar, semelhante a um raio de lua em rendas cinzentas, e, para meu vivo prazer, fui convidado a conduzi-la à mesa. Depois que nos sentamos, eu disse muito inocentemente: — “Penso que a vi em Bond Street, há algum tempo, Lady Alroy.” Ela fez-se muito pálida, e disse-me em voz baixa: — “Não fale tão alto, por favor; pode ser que o ouçam.” Senti-me lastimável por haver começado tão mal, e mergulhei afoito no assunto das peças francesas. Ela falou muito pouco, sempre na mesma voz baixa e musical, e era como se tivesse receio de que alguém a escutasse. Fiquei apaixonadamente, estupidamente enamorado, e a indefinível atmosfera de mistério que a envolvia me excitava a mais ardente curiosidade. Quando ela ia saindo, o que fez logo após o jantar, perguntei-lhe se podia visitá-la. Hesitou um momento, relanceou os olhos em torno a ver se havia alguém perto de nós, e respondeu: — “Sim, amanhã, às cinco menos um quarto.” Pedi a Madame de Rastail que me falasse a respeito dela; mas tudo quanto pude saber foi que era uma viúva dona duma bela casa em Park Lane, e, como um cacete científico encetou uma dissertação acerca de viúvas, para exemplificar a sobrevivência dos matrimonialmente mais capazes, retirei-me e fui para casa.

“No dia seguinte cheguei a Park Lane pontualmente na hora marcada, mas soube pelo mordomo que Lady Alroy tinha saído naquele instante. Dirigi-me ao clube, muito infeliz, aturdido em extremo, e, depois de refletir bem, escrevi-lhe uma carta perguntando-lhe se poderia ter ocasião de vê-la outra tarde qualquer. Dias e dias esperei em vão a resposta; afinal, recebi um bilhete em que ela me dizia que estaria em casa no domingo às quatro horas, e com este extraordinário pós-escrito: ‘Por obséquio, não me escreva mais para aqui; quando nos virmos lhe direi a razão.’ Recebeu-me no domingo, e mostrou-se absolutamente encantadora; mas, quando eu ia saindo, rogou-me que, se acaso lhe escrevesse outra vez, endereçasse a carta a ‘Mrs. Knox, aos cuidados da Biblioteca Whittaker, Green Street’.

“Há motivos — acrescentou — que me impedem de receber cartas em minha própria casa.’

“Durante toda a estação eu a via com frequência, e a atmosfera de mistério nunca a deixou. Às vezes cuidava que ela vivia com algum homem, mas parecia tão inacessível que eu não poderia crer nisto. Era-me realmente difícil chegar a alguma conclusão, pois ela assemelhava-se a um desses estranhos cristais que a gente vê em museus, os quais num instante são claros e noutra escuros. Por fim, deliberei perguntar-lhe se queria casar comigo: estava cansado e farto do interminável sigilo que ela impunha acerca de todas as minhas visitas e das raras cartas que eu lhe mandava. Escrevi-lhe para a biblioteca, perguntando se poderia encontrar-se comigo segunda-feira, às seis horas. Respondeu-me afirmativamente, e eu fiquei no sétimo céu. Estava apaixonado por ela: apesar do mistério, pensava então; por causa dele, vejo agora. Não; era aquela a mulher a quem eu amava. O mistério perturbava-me, enlouquecia-me. Por que a pusera o acaso no meu caminho?”

— Então — exclamei — descobriu o segredo?

— Desconfio que sim — respondeu. — Você julgará por si mesmo.

“Na segunda-feira fui almoçar com minha tia, e aí pelas quatro horas me encontrava na Marylebone Road. Minha tia, como sabe, mora em Regent’s Park. Tive de ir a Piccadilly e enveredei por um atalho através duma porção de ruelas pobres. De súbito vi diante de mim Lady Alroy, rigorosamente velada e caminhando muito depressa. Ao chegar à última casa da rua, subiu os degraus, tirou uma chave e entrou. — ‘Eis aqui o mistério’ — disse comigo mesmo; piquei o passo e examinei a casa. Parecia uma espécie de casa de cômodos. Na soleira da porta jazia o seu lenço, que ela deixara cair. Apanhei-o e meti-o no bolso. E pus-me a pensar no que devia fazer. Cheguei à conclusão de que não tinha o direito de vigiá-la, e segui para o clube. Às seis horas fui ter com ela. Deitada num sofá, com um vestido de tecido prateado preso no alto por algumas estranhas labradoritas, que sempre usava, estava maravilhosamente bela. — ‘Estou muito contente em vê-lo — declarou. — Passei o dia todo em casa.’ Encarei-a espantado e, sacando o lenço do bolso,

entreguei-lhe. — 'A senhora deixou cair isto em Cumnor Street, esta tarde, Lady Alroy' — disse, muito calmo. Ela fitou-me com pavor, mas não procurou tomar o lenço. — 'Que estava fazendo lá?' — perguntei. — 'Que direito tem o senhor a fazer-me perguntas?' — respondeu. — 'O direito de um homem que a ama. Vim aqui saber se a senhora quer ser minha esposa.' Ela tapou o rosto com as mãos e desfez-se em lágrimas. Insisti: — 'A senhora tem de me dizer.' Levantou-se e, olhando-me de frente, replicou: — 'Lord Murchison, não há nada que lhe dizer.' — 'A senhora foi encontrar-se com alguém! — exclamei. — Eis o seu mistério.' Ela tornou-se mortalmente pálida: — 'Eu não fui encontrar-me com ninguém.' — 'Não pode dizer a verdade?' — gritei. — 'Eu a disse' — respondeu ela. Eu estava louco, furioso; não sei o que disse, mas foram coisas terríveis. Por fim, saí precipitadamente. No dia seguinte recebi uma carta sua; devolvi-a sem abrir e parti para a Noruega com Alan Colville. Um mês depois voltei, e a primeira coisa que li no Morning Post foi a morte de Lady Alroy. Apanhara um golpe de ar na Ópera e morrera, cinco dias após, de congestão pulmonar. Tranquei-me em casa, sem ver ninguém. Eu a tinha amado tanto, tão loucamente! Santo Deus, como eu tinha amado aquela mulher!"

— Você foi à tal casa daquela rua?

— Fui — respondeu. — Um dia eu fui a Cumnor Street. Não houve outro jeito, eu estava torturado pela dúvida. Bati à porta, e uma mulher de aspecto respeitável veio abri-la. Perguntei-lhe se havia quarto para alugar, e ela respondeu: — "Bem, meu senhor, os quartos da frente parece que estão alugados; mas, como há três meses não vejo a senhora que os alugou, e os aluguéis não foram pagos, o senhor pode ocupá-los." — "É esta a senhora?" — perguntei, mostrando-lhe o retrato. — "É elamesma, sem dúvida — respondeu —, e quando é que volta?" — "Ela morreu" — disse-lhe. — "Oh, senhor, espero que não. Era a minha melhor inquilina. Pagava-me três guinéus por semana apenas para sentar-se nos aposentos uma vez ou outra." — "E encontrava-se com alguém aqui?" — indaguei; mas a mulher asseverou-me que não, que ela sempre vinha só, e não recebia ninguém. — "Então que é que ela fazia aqui?" — "Simplesmente sentava-se, lia, e algumas vezes tomava chá" — respondeu a dona da casa. Eu não soube que dizer; dei-lhe um soberano<sup>192</sup> e retirei-me. Agora, que pensa você de tudo isso? Acredita que a mulher dizia a verdade?

— Acredito.

— Então por que é que Lady Alroy ia lá?

— Meu caro Geraldo — respondi —, Lady Alroy era nada mais nada menos que uma mulher com a mania do mistério. Alugou aqueles quartos pelo prazer de ir lá com o seu véu descido e imaginar-se uma heroína. Tinha a paixão do sigilo, mas não passava, ela mesma, de uma esfinge sem segredo.

— Você pensa realmente assim?

— Tenho certeza.

Ele tirou do bolso o estojo de marroquim, abriu-o, e olhou para a fotografia.

— Será mesmo? — disse por fim.

## O PRÍNCIPE FELIZ

Dominando a cidade, sobre uma alta coluna, erguia-se a estátua do Príncipe Feliz. Era todo revestido de finas folhas de ouro, tinha como olhos duas brilhantes safiras, e um grande rubi resplandecia no punho de sua espada.

Admiravam-no extraordinariamente.

— É belo como um cata-vento — observou um dos Conselheiros Municipais, que desejava passar por homem de gosto artístico. — Apenas, não tem exatamente a mesma utilidade — acrescentou, receoso de que o julgassem pouco prático, o que na realidade ele não era.

— Por que não és como o Príncipe Feliz? — perguntou certa mãe sensata ao filhinho que chorava pedindo a lua. — O Príncipe Feliz nunca se lembra de chorar por coisa alguma.

— Ainda bem que há neste mundo quem seja inteiramente feliz — murmurou um desiludido ao contemplar a maravilhosa estátua.

— É direitinho um anjo — disseram as crianças de uma casa de caridade ao saírem da catedral com seus brilhantes capotes vermelhos e seus aventais muito brancos.

— Como o sabeis? — perguntou o Professor de Matemática. — Nunca vistes um anjo...

— Ora! bem que já vimos, em nossos sonhos — responderam as crianças.

E o Professor de Matemática franziu o cenho e olhou com severidade, pois não aprovava que as crianças sonhassem.

Certa noite voou sobre a cidade uma pequena Andorinha. Suas amigas tinham partido para o Egito seis semanas antes, porém ela deixara-se ficar, pois estava de namoro com o mais belo dos Caniços. Encontrara-o pela primeira vez na primavera, quando descia o rio atrás de uma grande mariposa amarela, e tão atraída ficara pelo seu porte esbelto que se detivera para falar-lhe.

— Posso-te amar? — disse a Andorinha, que não gostava de rodeios.

E o Caniço fez-lhe uma profunda curvatura. Então ela voou e revoou em torno dele, roçando a água com as asas e suscitando ondulações de prata. Era este o seu galanteio, e assim foi do começo ao fim do verão.

— É uma ligação ridícula — trinfaram as outras Andorinhas. — Ele não tem dinheiro, e tem uma infinidade de parentes.

E, com efeito, o rio estava atulhado de Caniços.

Com a chegada do outono, elas levantaram voo.

Depois que partiram as companheiras, ela sentiu-se muito só, e começou a enfadar-se

O gênero conto ganhou nos Estados Unidos, de um cinquenta anos para cá, popularidade imensa. Cada uma das numerosas revistas consome meia centena de contos anualmente, e paga-os bem; as de maior tiragem compram um conto, de vez em quando, por preço superior ao que bons romancistas de outros países ganham em toda a vida. Não é, pois, de surpreender que haja manuais sobre a maneira de escrever contos, cursos para futuros contistas e certo número de receitas para o gênero de maior cotação no mercado.

Na maioria dos casos, tais receitas derivam do estudo dos volumes de O. Henry, cujas narrativas representam melhor tipo ideal exigido pelos leitores e pelos diretores dos grandes magazines: o conto "que proporciona o máximo de sensações e de surpresa dentro do mínimo de tempo".<sup>111</sup>

O. Henry (1862-1910), pseudônimo de William Sidney Porter, nasceu em Greensboro, na Carolina do Norte. Aos três anos perdeu a mãe; o pai, médico interessado em invenções das mais fantásticas (entre elas o perpetuum mobile), pouco se ocupou com o filho, confiando-o à tia, diretora de uma escola primária. Foi ela quem despertou no sobrinho o interesse pela literatura.

Ajudante de farmacêutico aos 15 anos, aos vinte William transferiu-se para o Texas à procura de melhor clima. Em Austin, empregou-se no First National Bank, casou-se e, nas horas vagas, fazia caricaturas e crônicas para os jornais. Contratado pelo Daily Post, de Houston, optou definitivamente pelo jornalismo. Já estava trabalhando desde um ano antes nesse novo posto, muito de seu agrado, quando é judiciosamente intimado a voltar a Austin para defender-se da acusação de apropriação indébita de mil e poucos dólares, no tempo em que era caixa do First National Bank. Parece que a falta era devido à desorganização desse instituto e não à desonestidade de O. Henry, de todo inocente segundo uns, culpado apenas de desordem segundo outros.<sup>112</sup> Mas o infeliz perdeu a cabeça e, em vez de voltar para Austin, onde poderia ter logrado absolvição, embarcou para Honduras e lá permaneceu mais de um ano. A notícia da doença da mulher fê-lo voltar; chegou a tempo de assistir-lhe à agonia. Julgado logo depois, foi condenado (sobretudo por motivo de sua fuga) a cinco anos de cárcere, pena que o seu procedimento exemplar reduziu de um terço. Na prisão continuou a escrever, sob o pseudônimo adotado anteriormente à condenação, suas histórias, cada vez mais aceitas pelo público. Saiu do presídio humilhado, mas com a experiência do sofrimento. Passou

os oito últimos anos de vida em Nova Iorque, continuando a produzir contos em ritmo intenso, mais de um por semana. Em 1905 publicou a primeira coletânea de tais narrativas, seguida de outras numa sucessão rápida. Ao morrer, a tiragem de seus livros excedia quatro milhões de exemplares.

As três grandes experiências da vida de O. Henry foram o exílio voluntário em Honduras, o encarceramento e os anos passados em Nova Iorque. As reminiscências do desterro alimentam o volume *Couves e reis*, romance de construção frouxa, formado por uma série de contos, e no qual a vida pitoresca das repúblicas centro-americanas é relatada com bom humor. Seu contato com o crime e a miséria o levou a tratar com frequência da vida dos pobres, dos malandros e dos bandidos, cuja linguagem reproduz com fidelidade e ternura. Foi também o primeiro a aproveitar plenamente o material romanesco da metrópole de Nova Iorque, nos contos de *Os quatro milhões* (número dos habitantes da capital na época) e em muitos outros.

É hoje muito discutido o valor artístico dos contos de O. Henry. “Tem narrativas e trechos em que a vida cotidiana e terra a terra do americano médio é bem observada e reproduzida com exatidão; mas, pelo desfecho sensacional que lhes dá para orná-las de um atrativo que não teriam naturalmente, seus quadros perdem a realidade e acabam sendo tão pouco verdadeiros como os de Bret Harte.”<sup>113</sup> Suas personagens são apenas tipos, símbolos ou caricaturas.”<sup>114</sup> Segundo outro crítico, “quanto aos seus ingredientes, é melhor não os examinar muito de perto — mas os contos são quase sempre divertidos, o que era, afinal de contas, o principal intuito do autor”.<sup>115</sup>

Suas características são — além do desenlace imprevisto — o abuso da antítese, dos efeitos de surpresa e das construções engenhosas, a acumulação de reminiscências mitológicas, bíblicas e literárias, misturadas a comparações vulgares ou cômicas. Muitas vezes o golpe é assestado no leitor desde o título, que lhe submete a imaginação a verdadeiro rodopio. “O loto e a garrafa”, “A vitrola e a marmelada”, “O califa, cupido e o relógio” são algumas amostras deste processo, nem sempre de gosto seguro. O estilo, barroco e heterogêneo, cheio de imagens rebuscadas, expressões disparatadas, termos giriescos, trocadilhos e assonâncias,<sup>116</sup> tem um cunho pessoal, dificilmente imitável. Sem embargo de todos estes excessos, certos contos de O. Henry ainda se leem sempre com agrado. De nossa parte, preferimos, ao lado do que segue,<sup>117</sup> “Uma reportagem municipal”, na qual o autor, com técnica notável, conta um assassinato presenciado por ele numa cidadezinha, bem-desenhada em poucos traços, para demonstrar quanto é falsa a acusação de monotonia assacada à vida provinciana. Recentemente o cinema — com o título de *O. Henry’s full house* — apresentou uma adaptação de quatro contos seus, entre eles “A dádiva dos Magos”, um dos mais famosos e mais típicos, se não dos melhores: nesse episódio, o marido e a mulher pobres vendem o que têm de mais

precioso — ele o relógio, ela os cabelos — a fim de comprar presentes de Natal um para o outro: pentes para ela, uma corrente de relógio para ele.

## O QUARTO MOBILIADO

Inquieta, instável e fugaz, como o próprio Tempo — assim é uma considerável massa da população do bairro de tijolos vermelhos do baixo West Side. Sem possuir um lar, tem centenas de lares. Vagueia de um quarto mobiliado para outro, povo eterno de emigrantes — emigrantes de casa, de coração, de espírito. Cantam “Lar, doce lar” em ragtime,<sup>118</sup> carregam consigo seus lares numa caixa de gravatas; sua parreira enrosca-se em volta de um chapéu de palha, sua figueira é uma planta de borracha.

Por isso as casas desse bairro, depois de terem visto mil inquilinos, devem de ter mil histórias para contar, tediosas, sem dúvida, na maioria; mas seria de estranhar não houvesse pelo menos um ou dois fantasmas no rasto de tantas almas penadas.

Certo dia, após o entardecer, um rapaz percorria aquelas casas vermelhas meio desmornadas, tocando uma campainha após a outra. Ao chegar ao duodécimo portão, depôs a maleta na escada e tirou a poeira da fita do chapéu e da testa. A campainha soou tenuemente, lá longe, em algum fundo remoto e vazio.

Ao portão daquela casa, a duodécima cuja campainha ele tocou, surgiu a porteira, cuja aparência lembrava algum verme nocivo empanturrado por haver devorado a sua noz até a casca, e que lhe procurasse encher o vácuo de inquilinos comestíveis.

Perguntou-lhe o rapaz se tinha um quarto para alugar.

— Pode entrar — disse a porteira, cuja voz veio de uma garganta que parecia forrada de pelica. — No terceiro, o quarto dos fundos está desocupado há uma semana. O senhor quer ver?

O moço acompanhou-a escada acima. Uma luz fraca, de origem indeterminada, atenuava as trevas dos corredores. Avançaram, sem fazer ruído, sobre um tapete que o próprio tear haveria renegado. Parecia ter-se tornado vegetal, ter degenerado, naquela atmosfera rançosa e impermeável ao sol, num líquen viçoso ou num musgo exuberante que invadissem a escada aos pedaços, dando a quem pisava a sensação viscosa de alguma matéria orgânica. A cada volta da escada viam-se, na parede, nichos vazios. Talvez outrora guardassem plantas: então elas haviam morrido no ar viciado, infeto; ou, porventura, estátuas de santos, e então não era difícil imaginar uma legião de demônios e diabretes que as houvessem arrastado pelas trevas para a maldita profundidade de algum abismo mobiliado.

— O quarto é este — disse a porteira, de dentro de sua garganta forrada. — Um belo quarto. É raro ficar vazio. No verão passado tive aqui pessoas distintas; não davam

incômodo algum, e pagavam adiantado, na hora. A privada fica no fundo do corredor. Sprowls e Mooney ocuparam este quarto durante três meses. Os dois executavam um número numa revista. Miss B'retta Sprowls... o senhor deve ter ouvido falar.. Eram só nomes de teatro, naturalmente... A certidão de casamento estava exposta ali, em moldura, acima do toucador. O gás é aqui. Como o senhor vê, há muito lugar para guardar coisas. É um quarto de que todos gostam. Nunca fica desocupado por muito tempo.

— A senhora tem gente de teatro morando aqui? — perguntou o rapaz.

— Eles vão e vêm. Boa parte dos meus inquilinos é gente ligada a teatro. Sim, senhor, isto aqui é o bairro teatral. Mas gente de teatro não para em lugar nenhum. Alguns passam por aqui. Sim, senhor, eles vão e vêm.

O rapaz alugou o quarto, pagando adiantado uma semana. Estava cansado — disse — e queria instalar-se imediatamente. Foi contando o dinheiro e passando-o à mão da mulher. O quarto estava pronto — declarou ela depois: toalhas, água, tudo preparado. No momento em que a dona da casa ia sair ele pronunciou, pela milésima vez, a pergunta que trazia na ponta da língua:

— Uma moça... a srta. Vashner... a srta. Heloísa Vashner... a senhora por acaso não se lembra deste nome entre os seus locatários? Cantora de um desses teatros, provavelmente. Uma bela moça, esbelta, de estatura média, cabelos dum ouro avermelhado, e uma manchazinha escura perto da sobrancelha esquerda.

— Não, não me lembro desse nome. Essa gente de teatro muda de nome tão facilmente como de quarto. Eles vão e vêm. Não, senhor, dessa eu não me lembro.

Não, sempre não. Cinco meses de pesquisa incessante, e sempre aquela inevitável negativa. Quantos dias gastara em interrogar empresários, agentes teatrais, escolas e orquestras, quantas noites em percorrer os teatros, desde os que contratam as maiores estrelas até music-halls de tão baixa categoria que receava encontrar o que mais desejava! Ele, que a amara melhor que todos, procurava descobri-la. Estava certo de que, desde o seu desaparecimento, a grande cidade cercada de água a tinha guardado em alguma parte; porém a cidade semelhava uma praia monstruosa de areia movediça, sem alicerces, cujas parcelas se mexiam sem descontinuar; os grânulos que hoje estavam em cima, estariam amanhã enterrados no lodo e na lama.

O quarto mobiliado acolheu o seu novo hóspede com um rápido acendo de pseudo-hospitalidade, uma saudação héctica, macilenta e negligente como o sorriso enganador de uma aventureira. A cintilação reverberada dos móveis decaídos, do estofado de brocado roto de um canapé e duas cadeiras, do espelho barato, com um pé de largura, colocado entre as duas janelas, de uma ou duas molduras douradas, e de uma armação de cama, de bronze, a um canto, anunciava um conforto sofisticado.

O hóspede encostava-se, inerte, a uma cadeira, enquanto o quarto, numa língua

confusa como se fosse um apartamento de Babel, tentou conversar com ele sobre seus inquilinos precedentes.

Um tapete multicolor, semelhante a uma ilha retangular dos trópicos, coberta de flores brilhantes, jazia cingido pelo encapelado mar de uma esteira sórdida. Na parede forrada de papel vistoso exibiam-se os quadros que perseguem os sem-lar de uma casa para outra: Os amantes huguenotes, A primeira rusga, A merenda nupcial, Psique ao pé da fonte. Os contornos castamente severos do pano da lareira estavam ingloriamente velados por uma cortina petulante, licenciosamente puxada de lado como os cintos do ballet das Amazonas. Sobre ela se viam alguns destroços melancólicos rejeitados pelos náufragos do quarto quando um navio feliz os levava a novo porto: um ou dois vazios insignificantes, retratos de atrizes, um frasco de remédio, cartas extraviadas de um baralho.

Um por um, assim como se vão decifrando os caracteres de um criptograma, assim os pequenos sinais deixados pela procissão de hóspedes do quarto mobiliado iam adquirindo sentido. O trecho gasto no tapete em frente do toucador contava que entre eles houvera mulheres graciosas. Na parede, finas impressões digitais falavam de pequenos prisioneiros buscando o seu caminho para o sol e o ar. Difusa mancha, cujas ramificações evocavam uma bomba rebentada, mostrava onde se despedaçara um copo ou uma garrafa arremessada à parede com seu conteúdo. Através do vidro do espelho, um diamante garatujara em letras hesitantes o nome de "Maria". Dir-se-ia que a sucessão dos habitantes do quarto mobiliado fora acometida de loucura, talvez exasperada pela fria garridice do lugar, e sobre ele descarregara as suas paixões. Os móveis estavam estraçalhados e contundidos; deformado por lhe haverem sido rebentadas as molas, o canapé lembrava um monstro horrível, morto durante um acesso de convulsões atrozes. Alguma poderosa sublevação arrancara grande pedaço de mármore do pano da lareira. Cada prancha do soalho tinha a sua linguagem e gritava sua agonia individual. Parecia incrível tivesse o quarto sido alvo de tanta malícia e perversidade por parte de seres que durante algum tempo lhe chamaram o seu lar; no entanto, talvez fosse o instinto familiar, inconscientemente sobrevivivo, e o ressentimento raivoso contra os falsos deuses familiares, que lhes houvessem acendido a ira. A gente pode varrer, adornar e amar uma cabana, desde que seja sua.

Sentado na cadeira, deixava o jovem inquilino que tais pensamentos lhe passassem, com pés de lã, pelo espírito, enquanto sons de pensão e perfumes de pensão começavam a penetrar no quarto. Chegou-lhe aos ouvidos, de um quarto ao lado, uma risada frouxa malcontida; de outros, o monólogo de uma mulher rabugenta, um ruído de dados, um acalento e um soluço triste; em outro, acima, um banjo retinia com animação. Algures, batiam-se portas; de quando em quando, troavam trens; miava um gato desesperado, num muro atrás do prédio. E ele respirava o hálito da casa, antes um sabor úmido que

um cheiro, um eflúvio frio e bolorento, como que vindo de uma caverna subterrânea de mistura com exalações de linóleo e de madeiramento podre e bichado.

Depois, de súbito, enquanto ele repousava, o quarto encheu-se de um perfume adocicado e forte de resedá. Veio como uma lufada de vento, com tal certeza, fragrância e intensidade que por um triz não parecia uma visita viva. E o rapaz perguntou alto:

— Que é, querida?

Como se alguém o tivesse chamado, levantou-se de um salto e olhou em redor. O rico perfume prendia-se-lhe, envolvia-o. Com todos os sentidos excitados e confusos, estendia as mãos para ele. Era possível ser chamado peremptoriamente por um perfume? Fora um som, decerto. Não fora um som que o tocara, que o acariciara?

— Ela esteve neste quarto! — gritou.

E correu para agarrar um sinal daquilo, pois — tinha certeza — reconheceria a menor coisa que lhe houvesse pertencido ou que ela houvesse tocado. Esse envolvente perfume de resedá, o cheiro que ela amara e de que se apropriara, de onde vinha?

O quarto fora arrumado sem muito zelo. Sobre o pano barato do toucador havia meia dúzia de grampos de cabelo, esses discretos e indistinguíveis amigos da mulher, de gênero feminino, modo infinito e tempo indeterminado, dos quais ele nem tomou conhecimento, consciente de sua triunfante falta de identidade. Revolvendo as gavetas do toucador, descobriu um velho lenço pequenino, rasgado. Apertou-o contra o rosto. Exalava o lenço um perfume acre e insolente de heliotrópio; arremessou-o no chão. Em outra gaveta encontrou botões esquisitos, um programa de teatro, o cartão de um penhorista, duas flores de malvaíscos perdidas, um livro acerca da interpretação dos sonhos. Na última, uma fita de cetim preto, para cabelos de mulher, que o deteve, vacilante entre gelo e fogo. Mas a fita de cetim preto era também um adorno comum, impessoal, reservado, da feminilidade, e que não conta histórias.

Então revistou o quarto como um cão no rastro da caça, roçando as paredes, examinando os vestígios que as saliências da esteira lhe deixaram nas mãos e nos joelhos, esquadrinhando o pano da lareira e as mesas, as cortinas e as tapeçarias, a escrivaninha capenga do canto, à cata de um sinal visível — incapaz de perceber que ela estava ali à volta, ao lado, dentro e acima dele, agarrando-se-lhe, implorando-o, chamando-o com tamanho desespero através dos sentidos mais sutis que até os mais rudes perceberam o apelo. Mais uma vez ele respondeu em voz alta:

— Sim, querida!

E com os olhos alucinados voltou-se de repente, fixando o vácuo, pois ainda não podia discernir formas e cores e amor e braços estendidos no perfume de resedá. Santo Deus! de onde vinha aquele perfume, e desde quando perfumes tinham voz para chamar? E continuou tateando.

Perscrutou fendas e cantos, e encontrou cigarros e rolhas, pelos quais passou com

mudo desdém. Mas encontrou também, numa dobra de esteira, um charuto meio consumido, e esmagou-o sob o tacão com vigorosa praga. Vasculhou o quarto de uma extremidade à outra. Achou pequenas lembranças, tristes e ignóbeis, de mais de um inquilino peripatético; mas daquela a quem ele procurava, e que podia ter morado ali, e cujo espírito parecia ali pairar, não encontrou o menor vestígio.

Lembrou-se, então, da porteira.

Desceu a correr do quarto mal-assombrado e bateu a uma porta por cuja fenda saía um pouco de luz. A porteira apareceu. Ele perguntou-lhe, refreando ao máximo a excitação:

— A senhora pode-me dizer quem ocupou o meu quarto antes de mim?

— Sim, senhor. Posso-lhe dizer mais uma vez. Foram Sprowls e Mooney, como já disse. Srta. B'retta Sprowls era o seu nome de guerra, porém ela era sinhá Mooney. A minha casa é bem conhecida como casa de respeito. A certidão de casamento, emoldurada, estava pendurada num prego acima do...

— Que espécie de mulher era Miss Sprowls — quero dizer, de que aparência?

— Bem, uma senhora de cabelos pretos pequena e gorda, com uma cara cômica. Eles saíram há uma semana, na terça-feira.

— E antes deles?

— Bem, antes foi um senhor só que trabalhava nos transportes. Saiu devendo uma semana. Antes dele foi sinhá Crowder e seus dois filhos, que ficaram quatro meses; antes deles, o velho sr. Doyle, cuja conta era paga pelos filhos. Isto já vai a um ano, como o senhor vê; mais longe, não me lembro mais.

Ele agradeceu e arrastou-se para o seu quarto. O quarto estava morto. A essência que o tinha animado fora-se embora. O perfume de resedá partira. Em seu lugar havia outra vez o velho cheiro cediço de móveis bolorentos, uma atmosfera de armazém.

O refluxo de sua esperança esgotara-lhe a fé. Sentou-se, olhando fixo para a luz amarela e sibilante do gás. Pouco depois, dirigiu-se à cama e principiou a rasgar os lençóis em pedaços. Com a lâmina do canivete fincou-os em todas as frinchas à volta das janelas e da porta. Quando tudo estava bem fechado, apagou a luz, novamente abriu o gás e deitou-se na cama, agradecido.

Aquela noite era a vez de a sra. McCool ir buscar cerveja com a caneca. Foi, e veio sentar-se ao lado da sra. Purdy num desses retiros subterrâneos onde as porteiras costumam reunir-se e onde o remorso raramente morre.

— Esta tarde aluguei o quarto do fundo do terceiro a um rapaz — disse a sra. Purdy através de um leve círculo de espuma. — Ele foi deitar-se há duas horas.

— Alugou mesmo? — perguntou a sra. McCool com intensa admiração. — A senhora é um assombro, para alugar quartos como este. Será que disse a ele? — concluiu num cochicho rouco, cheio de mistério.

— A gente mobília os quartos é para alugá-los — afirmou a sra. Purdy em seu tom mais forrado. — Eu não lhe disse nada, sra. McCool.

— A senhora tem razão. A gente vive é de alugar quartos. A senhora tem mesmo o senso do negócio. Há muita gente por aí que recusa um quarto se lhe dizem que um suicida morreu na cama.

— Como diz a senhora, a gente tem de cuidar da vida — observou a sra. Purdy.

— Ora se tem! Faz hoje exatamente uma semana que a ajudei a arrumar o quarto de fundo do terceiro. Que bonita moça aquela que se matou com gás! Tinha um lindo rostinho, não é, sra. Purdy?

— Poderia dizer-se que ela era bonita — observou a sra. Purdy concordando, mas não sem reservas — se não fosse aquela mancha que tinha perto da sobrancelha esquerda. Encha o copo mais uma vez, sra. McCool.